

ANO I

DEZEMBRO 1938

NUMERO I

SEIVA

JOÃO DA COSTA FALCÃO
VIRGILDAL SENA

EDUARDO GUIMARÃES
EMO DUARTE

DIRIGEM

AFRANIO COUTINHO
AMERICO ALBUQUERQUE
BARRETO DE ARAUJO
HUMBERTO BASTOS
MARCOS PIMENTA
PAULO PALATNICK
SOSIGENES COSTA

ALFIO PONZI
ANTONIO OSMAR GOMES
CARLOS GARCIA
JOÃO DA COSTA FALCÃO
ORLANDO GOMES
RODRIGUES DE MIRANDA

ALVES RIBEIRO
AZEVEDO MARQUES
EMO DUARTE
LUIZ BASTOS
PAULO CAVALCANTI
SODRE' VIANNA
WALTER DA SILVEIRA

ESCREVEM

JOSE' GUIMARÃES

ILUSTRA



MENSAGEM AOS INTELLECTUAIS DA AMERICA

REVISTA
MENSAL

BAHIA
BRASIL

PREÇO
1 \$ 0 0 0

CIGARROS?

— SÓ —

Sonho de Valsa

FABRICA OCEANO

ALVES, IRMÃO & C.
Armazem de Fazendas em Grosso

Rua Portugal, 3
— BAHIA —

Endereço Telegraphico - MODAS
Codigos -- RIBEIRO e BORGES
Caixa Postal, n. 259
TELEPHONE 2743

PILOT

PILOT domina o mundo do Radio!
Trate-se da Europa, Asia, America ou Africa PILOT domina, porque oferece beleza na apparencia, sonoridade muito agradável e um alcance ilimitado em sua recepção... recepção continua, sem interrupção e sem ruidos desagradáveis.

Não deixe de ver e ouvir um radio PILOT
HOJE MESMO

AGENTES **B. Cortizo & Cia**
PRAÇA DEODORO - 41/42

BERNARDINO CARNEIRO & Cia., Lda.
ESTIVAS EM GROSSO

— RUA PORTUGAL N.º 7 —

Caixa Postal, 88 - Telefone 1411
End. Telegrafico - B. CARNEIRO

ELIXIR DE
Salsaparrilha, Caroba e Carnaúba

O melhor Depurativo do Sangue

MAIS DE MEIO SEculo DE EXISTENCIA

encontra-se em todas as Drogarias e Farmacias

DEPOSITO GERAL: RUA RODRIGUES ALVES, 11-1.º andar
TELEF. 5546 - CAIXA POSTAL 524 - End. Teleg. SALCAUBA

B A H I A



B R A S I L

Instituto Sophia Costa Pinto

— I SOB INSPECÇÃO FEDERAL I —

Presidente: **Carlos Costa Pinto**

Director: Eng. Civil **Pedro Tenorio de Albuquerque**

VICTORIA, 381 — Tel. 3938 * VICTORIA, 377 — Tel. 5449

**Cursos: Infantil, Primario,
Admissão e Gymnasial**

Epocas dos exames de Admissão á 1ª Serie gymnasial: Dezembro e Fevereiro. Na epoca de Dezembro só poderão prestar exames os candidatos matriculados no Estabelecimento



UM ASPECTO DO SALÃO NOBRE DO INSTITUTO

Companhia de Seguros da Bahia

CAPITAL SUBSCRIPTO

RS. 5.000:000\$000

CAP.TAL REALIZADO

RS. 2.000:000\$000

Reservas 960:000.\$000

SÉDE — EDIFICIO S. A. MAGALHÃES (1º andar) S. 1

TELEPHONE: 3063

RUA TORQUATO BAHIA N° 3

Caixa Postal, 638 — BAHIA — End. Tel.: — "ASSEGURO"

CONSELHO GERAL:

Bernardo Martins Catharino — Pedro Bacellar de Sá — Luiz Barretto Filho —
Alfredo A. de Azevedo — Fernando Ariani Machado

Gerente: **THEOPHILO OTTONI**

AGENTES E REGULADORES DE AVARIAS EM TODOS
OS ESTADOS DO BRASIL

OPERA EM TODAS AS MODALIDADES DE SEGUROS TERRESTRES, MARITIMOS, FLUVIAES E FERROVIARIOS

LIQUIDAÇÕES PROMPTAS E SEM DESCONTO

QUEIJO BOM?

Exija **WANSER**

O MELHOR.

O MAIS BARATO.

O MAIS ALIMENTICIO.

Representante na Bahia:

EURICO MAGALHÃES

ENCONTRA-SE Á VENDA EM TODOS
OS ARMAZENS E PASTELARIAS

CULTURA

DIREÇÃO

—DE—

AFFONSO SCHMIDT

Uma revista de S. Paulo
para ser lida em todo o Brasil

Predio Martinelli - 10.º andar

SALA 1023 C.

PAPELARIA

VERA - CRUZ

Completo sortimento de artigos para escriptorio

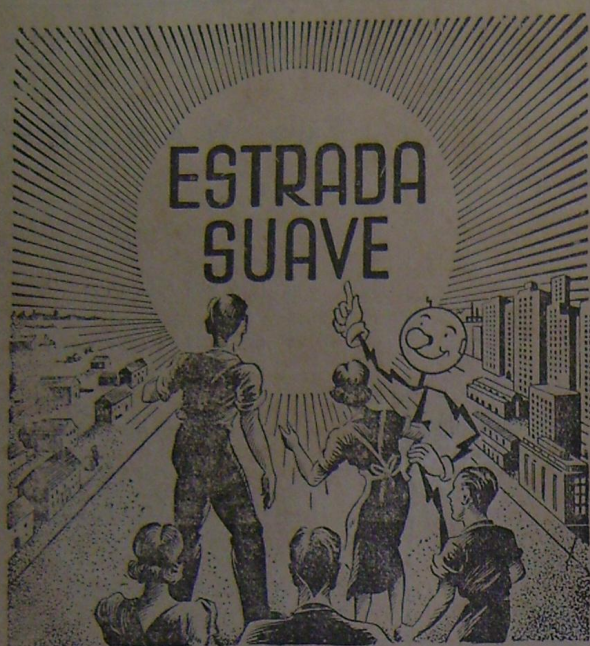
TYPOGRAPHIA
ENCADERNAÇÃO
e PAUTAÇÃO

Vendas por atacado e a varejo

Eloy Magalhães & Cia.

End. Teleg. VERA CRUZ

CAIXA POSTAL, 75



O Snr. KILOWATT
indica o caminho a seguir
para se viver melhor.

O Snr. Kilowatt, seu criado eléctrico, não tem preferencias: trabalha com o mesmo ardor e por pouco preço, para pobres e ricos, proporcionando a todos o conforto que só a electricidade pôde dar. Efficente, economico e activo, attende, instantaneamente, a quem o chama. É o criado mais dedicado deste mundo! Nas casas, como nas fabricas ou escriptorios... serve sem se cansar e indica a estrada suave da vida...



COMPANHIA ENERGIA ELECTRICA DA BAHIA
TELEPHONE 1 2 3 8

Expresso Viação e Transporte Ltd.

CASA INTERMEDIARIA

Agencia de Transportes

Travessa dos Cobertos, 3

Telephone 4 2 1 2

Arnaldo Ribeiro

PROBLEMAS

REVISTA MENSAL DE CULTURA

INDICE DO PENSAMENTO DEMOCRATICO DO BRASIL

— DIRETORES —

Arnaldo Pedrosa d'Horta
e **Arnaldo Serroni**

A venda em todas as livrarias e agencias de revistas

PREÇO 2 \$ 0 0 0

Redação e Administração:

RUA DO CARMO 43, 2o andar-SALAS 4 e 5- S. PAULO

Revista Academica

CONSELHO DIRETOR

Mario de Andrade, Alvaro Moreyra, Anibal Machado, Portinari, Artur Ramos, José Lins do Rego, Santa Rosa, Rubem Braga, Jorge Amado, Sergio Milliet, Graciliano Ramos, Oswaldo de Andrade, Tavares Bastos e Erico Verissimo

REDATORES

Murilo Miranda e Moacyr Werneck de Castro

Rua Miguel Couto, 92 — Rio de Janeiro

“ **DIRETRIZES** ”

É um presente para os que

RESPEITAM A CULTURA

DESEJAM A VERDADE

AMAM A CIVILIZAÇÃO

CRÊM NA DEMOCRACIA

Artigos de grandes notabilidades estrangeiras

Colaborações dos maiores nomes da
CULTURA NACIONAL

Redação Rua Senador Dantas, 44
RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE

BOLETIM CULTURAL

Direção de RODRIGUES DE MIRANDA e ALFIO PONZI

Redação: Barão de S. Borja, 115 — RECIFE

Distribuição gratuita para todas as escolas superiores e bibliotecas do Brasil

FUNDAMENTO DA AUTORIDADE

ORLANDO GOMES



DIRIGEM:

JOÃO DA COSTA FALCÃO
EDUARDO GUIMARÃES
VIRGILDAL SENA
E M O D U A R T E

REDAÇÃO:

Rua Direita da Piedade, 40
BAHIA—BRASIL

ANO I — NUMERO 1
DEZEMBRO DE 1938

A idéia de autoridade emana da necessidade de ordem que os homens sentem, para realizar seu destino, como animal gregário. Não deve, pois, ir além deste justo limite.

Nos tempos de insegurança, a autoridade é mais forte, porque a necessidade de ordem é sentida com muito maior intensidade. Nos tempos anormais, as ordens emanadas do poder são obedecidas sem recalcitramento, porque todos sentem a necessidade de obedecer-las.

Dai se poder tirar a conclusão de ordem geral segundo a qual a autoridade deve repousar no consentimento dos homens que a ela se devem subordinar.

Já afirmou LE HENAFF que:

“nas sociedades mais civilizadas como nas mais primitivas encontra-se, na origem do poder, a concordância entre as opiniões e as crenças coletivas e a vontade dos dirigentes”.

Quando isto não se verifica, a autoridade se transforma em dominação. Todo poder que não se funda, pois, na adesão dos membros que a ele estão subordinados, é um poder ilegítimo.

Não importa a forma porque esta adesão se concretize; mas, que ela é necessária, não ha negar.

Ora, consentimento que legitima a autoridade só pode ser verdadeiramente constatado nas democracias. Só nestas a obediência à autoridade não é constrangida.

Tão necessario é reputado esse sentimento que, nos países anti-democráticos, procura-se, não obstante, captá-lo. Apenas o que acontece é que nesses países, não havendo liberdade, o consentimento é coacto, o que vicia na origem os processos de colhe-lo.

Que aconteceria, por exemplo, na Itália fascista, si em uma destas farças eleitorais a que se presta o povo, ele se manifestasse contrario ao chefe do Governo e Duce do fascismo? O secretario do Partido incumbem-se de responder, em termos categoricos, a esta pergunta. Ouçam-lo:

«Ainda que 12 milhões de sim se transformassem em 24 milhões de não, MUSSOLINI continuaria no Palazzo Venezia e a revolução dos camisas negras prosseguiria a sua marcha. Si 24 milhões de não estivessem depositados nas urnas, isto significaria que a massa dos eleitores fôra acometida de uma loucura coletiva, que toda Italia não era mais do que um asilo de alienados. Assim, haveria razão de sobra para que os governantes permanecessem no seu posto.»

Quer dizer, portanto, que a autoridade nesses regimes se exerce independentemente da adesão popular, desde que o consentimento que se pede ao povo é uma simples formalidade.

Não é, por conseguinte, a verdadeira autoridade que se exerce, mas, uma forma corrua: a dominação.

O seu fundamento é artificial, porque se apoia na força das armas e no servilismo das consciências. Mas, por isto mesmo, é precaria por natureza e essencial. A dominação pode se manter por algum tempo, porque os campos de concentração e o oleo de ricino são ainda um argumento.

Mas, não é esta a verdadeira e legitima autoridade. Esta só se justifica quando cercada do prestigio moral, que só a preservação das liberdades publicas lhe empresta.

O emprego da força fisica para manter o principio da autoridade é o mais veemente sintoma de que este principio está periclitante. Externamente forte, em atos concretos de opressão, internamente é debil, porque não conta com as forças que o fazem respeitado. Quando se faz necessario apelar para a compressão e a violencia, afim de manter o prestigio do poder, isto significa que ha um divorcio entre esse poder e os sentimentos dominantes na sociedade onde ele se exerce.

Assim, a verdadeira e legitima autoridade é aquela que tira a sua força de uma correspondencia entre a média dos interesses populares, traduzidos em sentimentos, e o grau médio de segurança e ordem, para que se realizem.

Quando esta correspondencia existe, o poder politico se exerce sem os constrangimentos que o tornam opressivo, porquanto aqueles que devem obedecê-lo fazem-no conscientemente, convencidos de que a obediencia é necessaria.

O notavel publicista espanhol ZÓZAYA narra-nos um interessante fato que ilustra o assunto.

A Republica acabava de ser proclamada em Madrid. Delirante de entusiasmo, o povo veiu para as ruas manifestar a sua alegria. A multidão parou em fren-

te do Alcazar. Um popular galgou o edificio, e, em chegando na principal sacada, nela colocou uma bandeira tricolor. A massa prorompeu em aplausos. Mas, um dos servidores da monarchia, que se encontrava no palacio, apressou-se em telefonar ao Ministerio, pedindo forças que viessem impor o principio de autoridade às turbas desenfreadas. Poucos minutos após, chegaram os representantes da autoridade. Eram dez ou doze operarios, nas mangas de cujas jaquetas estava cozido um bracelete vermelho. Puzeram-se em frente da fachada do palacio, e, cortezmente, pediram aos manifestantes que retrocedessem vinte passos. Imediatamente a multidão obedeceu, com a disciplina e a regularidade das tropas nas paradas do rei Frederico. Um dos populares fixou um cartaz na porta do Alcazar, em que convidava a multidão a respeitar o edificio, que era do povo. Toda a gente aplaudiu e se retirou no meio da maior ordem.

Este fato expressivo sugeriu ao narrador a seguinte indagação:

“que é a autoridade, que muitas vezes não logra se impor com fuzis e metralhadoras, e outras vezes é respeitada e acatada na pessoa de uma duzia de trabalhadores?”

E ele proprio responde á pergunta que formulou:

A autoridade se exerce, sem prepotência, quando os seus representantes estão identificados com o sentimento popular. “Sem identificação com o povo não ha, nem pode haver, autoridade possível. Para fazer-se obedecer de moao definitivo, e não circunstancial e cheio de rebeldia, é mistér, antes de tudo, merecê-lo”

Nesta resposta, tão clara, está o fundamento da autoridade. Ela não é, em sintese, “o fato de mandar,” mas, “o direito a fazer-se obedecer.”

Si a autoridade encontra na identificação com o sentimento popular o segredo d' sua força interior e a medida de sua extensão, ela pressupõe, para ser exercida legitima e normalmente, a liberdade do povo. Porque, si o povo não é livre, os seus sentimentos estão recalçados. E, si estão recalçados, não pode haver adesão sincera ao principio de autoridade.

A liberdade é, pois, indispensavel ao exercicio da autoridade.

Ora, só a Democracia permite a conjunção desses dois principios, na medida em que um não prepondera sobre o outro. Só em regime democratico se pode cogitar de sua identificação, pois a Democracia é a forma de organização politica que, assegurando as liberdades publicas, permite que a adesão à autoridade seja livre, que o seu consentimento não seja viciado, porque as crenças coletivas não são artificialmente creadas e violentamente impostas.

A Democracia é, por conseguinte, o regime politico social em que melhor se ajustam a independencia e a segurança, o Estado e o individuo, a autoridade e a liberdade.

EU OS VI NO CAMPO

JOÃO DA COSTA FALCÃO

Seis horas da manhã. A neblina mal deixa chegar até nós a carícia morna do sol. Trabalhadores apparecem de enxada ao hombro. O gaço, que não ha muito sahiu do curral, ainda pasta por perto. O feitor ordena o serviço:

— Vocês limpe o pasto do tanque grande.

E o rebanho de homens, levantando uma poeira leve, rumo na direção indicada, como a boiada puxada pelo aboio triste e cansado do vaqueiro guia.

O dia mergulha na luz. O sol, agora mais quente, encobre a neblina. O vento abana o matto com brandura, despertando a natureza do somno da noite. Respiro profundamente, procurando reter a maior quantidade possível daquelle ar tão puro. Tenho vontade de andar. O campo, que se perde na sua extensão, chama-me, em vozes amigas, para andar. Andar até cansar. E ando sem itinerario marcado, tomando o mesmo caminho pisado, pouco antes, pelos trabalhadores. Ha em tudo uma belleza simples. Em tudo uma poesia natural. Passaros soltam em cantos doces, a doçura daquelle liberdade. Todos ao mesmo tempo. Entõam, talvez, a symphonia da liberdade. E não será tambem a symphonia da vida? Arvores copadaç balança alegremente, espalhando no ar um cheiro agreste que o vento leva. Bois, carneiros, vaccas, cavallos, ovelhas, pensativos, quebram a uniformidade daquelle manta verdejante. O ceu está lindo. Bem longe, ceu e terra, indistinctos, abraçam-se. Um conta ao outro as grandezas dos seus reinos.

Num sorriso, deixo transbordar o meu contentamento. Em gargalhadas, na matta, a namibú sauda o dia. Continuo a andar. Ouço longe o canto dos

homens que trabalham na enxada. É um canto triste. Doe mesmo. E na melancholia daquellas vozes resignadas, sinto o drama daquellas almas. A Itacyra, a fazenda, calada, sorri como uma creança; e cantando elles sofrem. O som me attrahe. A tristeza me envolve. Já os avisto. Lombos pretos e suados reluzem. Musculos, em compasso, agitam-se com cadencia. Approximo-me mais. Paro. Na sombra do imbuzeiro, descansando, contemplo-os alguns instantes. Uma rôla, chamando a companheira, arrulha. É monotono. E nessa dôce monotonia, começo a pensar. Chega um pensamento, outro, mais outro... e todos fogem. Procuro dsitrahir-me, olhando um trabalhador que bebe agua na cacimba. Viro-me. Solemne, do alto, medindo a sua sombra, o itapicurú dança. Peneirando, um gavião alonga os seus olhos até o chão. Isto me faz lembrar um avião; um automovel; uma avenida. Agora, imagens nitidas: a cidade. Luxo e conforto da civilisação; mocinhos sympathicos e decentes; automoveis luxuosos; mulheres irresistiveis nos encantos da sêda; bailes, onde a musica alimenta a sêde de gôzo dos que têm dinheiro; igrejas deslumbrantes, com tanta riqueza inaproveitavel; tudo, tudo isso eu vejo. Um imbú cahe n minha testa e assustame, desviando-me a atenção para a terra que o alimentava. Era uma censura Mas, a imaginação

da cidade me fascina. Agora, só me recordo da outra face da vida; a da lucta. Uma fabrica. Operarios de faces opiladas e physionomias cadavericas, agitam-se no reboliço das machinas. Creanças e mulheres trabalham. De repente, um gemido mudo e o baque de um corpo paraly-saram tudo. Um machinista tinha sido atirado á distancia pela machina, ficando todo arre-bentado. Olavo era o nome delle. Baixo, pardo, triste, fôra apanhado pelo monstro por elle dominado ha dezoito annos. Era um dos empregados mais antigos da fabrica. Deixou cinco filhos, todos pequenos. Mais cinco contas no grande rosario dos que soffrem.

A Itacyra reclama novamente a minha atenção. Um rapaz havia dado um enorme talho no pé. Cheguei-me para junto. O sangue corre em abundancia. Os camaradas ponhem-lhe fôlhas no talho. Elle se deita numa sombra. A roçagem continúa.

* * *

O sol está bem alto. Na sombra minha cabeça está perto dos pés. Volto para casa debaixo do sol, que não acaricia nem anima. Abrasa. Andando, fico a ligar os meus pensamentos da cidade com aquella vida. Ha muita differença. A cidade é bem melhor. Os homens estão muito differenciados. Aquelles que eu vejo alli, entregam-se á renuncia dos cegos. Cegos dos seus valores. Lá existem muitos desses. Mas, ao lado delles estão os que enxergam. Os que lhes desejam um mundo melhor.

Bois, carneiros, vaccas, ovelhas continuam pastando. O vento sopra a terra, amenisando a queutura do sol. Passarinhos bebem no tanque. Tudo está no mesmo. Olho para traz. A distancia e a intensidade da luz deixam as imagens confusas...

SEIVA, DO SEGUNDO NUMERO EM DIANTE, PUBLICARÁ INFORMAÇÕES E COMENTARIOS RELATIVOS AO MOVIMENTO INTELLECTUAL DOS PAIZES SUL AMERICANOS.

SEIVA TERÁ, TAMBEM, UMA SECÇÃO ESPECIAL DE CRITICA AOS TRABALHOS DE INTELLECTUAIS SUL AMERICANOS, ONDE COLABORARÃO CONHECIDOS ESCRITORES NACIONALES.

SEIVA PRETENDE, ASSIM, CONTRIBUIR PARA UMA MAIOR APROXIMAÇÃO ESPIRITUAL ENTRE OS POVOS DAS AMERICAS.

A INTELIGENCIA CONTRA CORRENTE

Na historia a ser escrita no futuro sobre a vida da intelligencia em nossos dias, ao lado da sua imensa infelicidade e desprestigio, é preciso que não seja esquecida uma pequena pagina em que se contem, com palavras de ouro, as suas pequenas grandezas. Que as tem, em nossos dias, a despeito de todo o seu infortunio.

A intelligencia não tem importancia nesse momento, já se mostraram inumeras vezes, e não é ela positivamente que dirige esse mundo actual de misérias, de traições ao espirito, de repudio ás suas lições, mundo de barbaria e massas fanaticas e eletrizadas por exclamações vazias e gestos espectaculares de chefes e ditadores blindados. Para Goering, Einstein é apenas um sujeito que não está de accordo com o nazismo, disse Genolino Amado, em esplendido artigo, mostrando a diferença de um mundo em que se prende e exila Freud porque é judeu, e se fuzila Buckarin, sem um arrepio na humanidade, sem um vago protesto, como coisas absolutamente insignificantes, com o mundo de outrora em que um Goethe, sem o que hoje se chamaria cinismo, porem com toda a honestidade que o caracterizava, sendo um protegido do príncipe da Baviera, ia conversar com Napoleão, o invasor das Alemanha. E de um Voltaire, amigo de soberanos, respeitado por eles, reverenciado por todos. Hoje a intelligencia é coisa secundaria....

Há porem, ao lado dessa pagina negra de infortunios, outra que é vivida pelas maiores expressões intellectuais da actualidade, que dão um singular e sugestivo atestado de independencia do espirito, nessa hora de escravidões e subserviencias. É essa a pagina que salva a grandeza e a dignidade do espirito.

Essa é a pagina do humanismo.

Nessa hora, tudo nos solicita e, como um dos escarneos á vida intellectual, são os trabalhadores da intelligencia coagidos a abandonar as suas armas proprias, a trocar o estilo pela espada, a renunciar ás suas faculdades de raciocinio e julgamento, de orientação e critica, de definição e serenidade, pela cegueira da paixão partidaria. Em outras palavras, como um convite á prostituição do seu mister, como um apelo á traição do seu officio, como uma ordem a se submeter aos aventureiros e vendilhões do templo, aos mercenarios da hora ultima, exigem-lhes a adesão, a participação, a demissão de sua independencia, o que significa a sua desmoralização e a sua miseria.

A intelligencia deve tudo apreender, favorecida nessa visão de conjunto pela posição de altitude elevada em que se acha colocada. Como poderia ela, sem renunciar a si mesma, alienar uma parte da realidade, que os partidos se dividem entre si, definindo-se por um deles contra o outro? E é precisamente isto que se exige dos homens de hoje: não que sejam alguma coisa, porem que sejam *contra* alguma coisa. Atitude essencialmente sem intelligencia, ou antes, *contro* a intelligencia.

Mas, na definição da atitude de desrespeito pela intelligencia, por parte destes movimentos politicos modernos, da direita e da esquerda, massimos politicos, não se deve esquecer uma atitude de despeito. As massas modernas são compostas de cerca de 75% de mediocres, debeis mentais e primarios,

AFRANIO GOUTINHO

e são elas que compõem esses movimentos. Como não ver, nisto a razão da ausencia de intelligencia e da inimidade á intelligencia que os caracteriza?

Não poderão jamais compreender a atitude e a vida desses grandes clérigos do espirito que teem sempre outra coisa, alem da sua verdade, alem de sua palavra de ordem, a pensar e a dizer. Por isto, estão, sempre longe deles, há um abismo de incompreensão entre eles, e por este motivo teem contra si, desinteressadamente, na defesa das suas mais lindas prerogativas, da sua liberdade, da independencia da verdade, as mais autenticas expressões da intelligencia e da espiritualidade vividas. Como estão tendo agora, como sempre tiveram.

Esta posição e esta atitude profundamente humanista dos clérigos do espirito — pois defender as liberdades culturais, a intelligencia, o espirito é defender a vida humana mesma, que é baseada sobre valores indestrutíveis e acima de todos os antagonismos: espirito, liberdade, pessoa, confunde-se com a atitude do cristianismo, como sempre, na vanguarda da historia.

É por este motivo que, ao lado das vozes de protesto e indignação de notaveis figuras como André Gide, Thomas Mann, Georges Duhamel, Ortega y Gasset, vemos as vozes tambem de protesto e indignação, mas, alem disso, de apocalipse, de um Berdiaeff, de um Bernanos, de um Mauriac, de um Maritain, de um Pio XI, um Pacelli, um Verdier, para citar somente alguns dos maiores, cujo timbre, nas apostrofes eloquentes e sinceras aos nossos erros, ecôa extraordinariamente as famosas objurgatorias de S. Paulo aos homens antigos.

São os que representam o espirito na defesa do espirito. O homem na defesa do homem. O humanismo na defesa do humanismo. A liberdade na defesa da liberdade.

Homens simbolos!

Ficam, nesta hora, isolados, incompreendidos, combatidos.

Foi o que aconteceu, por exemplo, a um destes, o grande Jacques Maritain, uma das mais puras e angelicas figuras do homem do nosso tempo, quando procurando concretizar os seus magistraes ensinamentos, sobretudo de *Lettre sur l'Independence*, chamou a atenção dos cristãos para o seu verdadeiro dever, no conflito espanhol, dever de pacificação e confraternização e não de partidarismo exaltado, condenando com a sua palavra ardente e autorizada as pretensões de uma guerra impura á santidade, — foi arrastada á rua das amarguras, sem o respeito á honestidade alheia, e sobretudo, a uma figura cuja vida proba e nobre tem sido inteiramente devotada á causa da humanidade, da intelligencia, e que ficará como uma das atitudes mais honrosas á consciencia e á grandeza humana.

E, no entanto, não é outro o caminho que nos ensina a tradição christã: acima e fora dos partidos, na defesa da intelligencia que é a defesa do homem.

Na justa compreensão deste postulado é que militam todos os grandes lideres actuais do cristia-

SUBURBIO

PAULO CAVALCANTI

"SUBURBIO" é o livro com que Nelio Reis se inicia na literatura brasileira.

Nelio Reis é romancista, disso não sobra a menor dúvida. Resta agora saber si "SUBURBIO" é romance.

O proprio autor faz ressaltar que o seu livro "é quasi um caderno de notas, onde a imaginação pouco influuiu." De acordo. Mas caderno de notas que tem algo de romance, onde a imaginação influuiu um bocado...

"SUBURBIO" é um livro vazado numa tecnica quasi subjetiva, mau grado o que de realismo objetivo Nelio Reis nos possa oferecer.

E é justamente sob esse aspeto que o jovem paraense deve ser estudado: como fixador de conflitos interiores, de traumas psíquicos, de vãos introspectivos.

Por outro lado, o Nelio Reis plasmador de dialogos, de intrigazinhas cotidianas, é digno, tambem, de atenção.

Todavia, entre o Nelio "fotografo" e o Nelio disseca-dor de almas, eu prefiro o ultimo.

Cêna como aquelas das caduquices do capitão Melo e dos desabafos do moleque Hercu-lino, são psicologicamente perfeitadas, muito perfeitadas mesmo pra um escritor de 21 anos apenas.

A observação do critico Luiz Carlos Junior sobre "completa despreocupação pelo cenario," em "SUBURBIO," é patentissima. Nelio Reis não se volta um tiquinho só para o ambiente fisico que envolve os personagens. Tudo nele é material humano. Tudinho. Por um triz, Nelio não caiu no

erro visual de Machado, cuja obra, já se disse, é uma casa sem quintal.

Ora, o romance do norte sem descrições naturais, sem projeção no meio ambiente, é romance falho, sob o criterio ecologico. Mesmo assim, não sei por que, a gente sente que "SUBURBIO" é um romance completo. De qualquer modo, não faltou ambiente ao livro de Nelio Reis, se ambiente é tambem aquilo a que se referiu Taine-a familia, o grupo, a sociedade. O que não ha no romance é extravasão panteista, á Zé Americo. Nem exclusivismo interior, a Graciliano Ramos

Houve quem dissesse que "SUBURBIO" truncava a realidade. Nada disso. O que há é sinceridade e coragem no focalisar os homens e as coisas do mundo. Coragem, sobretudo.

Uma coisa que lamentei sinceramente no livro do moço nortista: ele não se preocupou em arrumar harmoniosamente a dramatização do livro. Nelio Reis teve o grave erro de fabricar personagens com a mesma facilidade com que u'a maquina de padaria fabrica biscoitos: a tórto e a direito. Sem a menor previsão literaria, no caso.

Conclusão: muitos deles se galvanizam em nossa memoria, com a nitidez das coisas bem delineadas (Capitão Melo, Hercu-lino, Cambraia, Bimbo, etc); outros, porém (a maioria, infelizmente,) passam de raspão pela nossa retina, sem deixar sequer um laivo de personalidade, confundidos como estão na penumbra dos entreschos.

De certo modo aquela avalanche de figuras, muitas

delas imprecisas, confusas, mal recortadas, dificeis mesmo de serem reconhecidas duas a tres paginas depois, de certo modo, repito, aquela profusão de elemento humano prejudica a harmonização do romance.

Na verdade isso é falha peculiar a muitos escritores. A muitos fixadores de tipos humanos.

E "SUBURBIO", como caderno de impressões da vida e dos costumes de uma cidade do extremo norte, não podia fugir ao tal defeito de tecnica creadora. O ambiente humano é imensamente vasto para que se lhe possa penetrar com segurança, maximé num livro de duzentas e poucas paginas. Mesmo assim, Nelio Reis devia preocupar-se mais um pouquinho com a sua gente. Abandona-la, depois que estivesse certo de que ela caminharia com os seus proprios pés.

Emfim, "SUBURBIO" não é, como quer o autor, um caderno de notas, onde a imaginação pouco influuiu. Absolutamente, "SUBURBIO" é um romance de introspeção, de agilidade, de observações agudissimas, de tecnica. Um livro que anuncia aos quatro ventos um romancista de costados largos e de profundas possibilidades literarias.

**POMADA
LALAU**

Infalível nas Ulceras,
Feridas e Hemorroides

Pedro Honorio pulou da rêde, fungando brabo. E ficou pra lá e pra cá na varanda. Que nem cangussu acuado.

— Aquelle sem vergonha me paga! Eu mostro a elle de quantos páos se faz uma canôa!

A vaqueirama, embolada no batente, varria o chão com os olhos servis. Todo mundo calado. Entupido de medo.

Só o Guinguirra falou:

— Vá vêr que foi necessidade . . .

II

Fôra necessidade mesmo. Cacundinho é quem sabia. Vira a secca beber as lagôas abertas. A agua engrossando, parecendo xarope. Engrossou mais, até virar lama.

Ainda assim, elle, a familia e o gado de sôlta iam foscando, numa avidez de quem advinha o fim . . . Mas depois o barro molhado crestou-se em brocotós, a bacia esbrazeada estalou em milhares de escáras, como a pelle dos cadaveres.

E não houve mais geito. O tropel dos bichos sedentos correu certo para as cacimbas das fazendas grandes, os minadours cingidos de cêrca, reservas de propriedades dos senhores de latifundio.

III

— E nós, meu pae?

Zé Cacundinha nem quiz olhar a cara do menino. Engolprou todas as forças do seu eu no escampo do céu. Uma faiscação hostile repelliu-lhe a vista.

Elle baixou a cabeça:

— Deus mostra o caminho, Néco.

Em redor as juremeiras pretas chocalhavam os ramos nus ao léo do vento.

IV

A casa eram quatro paredes aleijadas cobertas de palha de ouricury.

Zé Cacundinha se pôz de cócoras na sombra do oitão, riscando a terra areada com um graveto.

— Não tem agua, Zé.

A mulher estava na frente d'elle, buxuda de sete mezes, fedendo a bolôr dentro da mulambaria das roupas. Falava cantado, numa voz pegajosa de preguiça e resignação. No cabello atado em cócô, o lustro de oleos velhos empalledecia de baixo de uma camada de poeira.

— Zé, não tem agua .

— Nem pra beber?

— Nem.

V

O sertanejo ergueu-se, pegou na cabaça, cahiu no mundo. Ia engulindo em secco. Na bocca do carreiro grande envesgou, sumiu na catinga.

Deixava atraz capões silentes de quebra-faca, touceiras asperas de xique-xique e o vermelho descarado das bromélias. O rabo das cascavéis ria baixinho na mácega. Imbuzeiros caducos abrigavam a tocaia das jararácas. As vezes, de um crepitar de galhadas têzas, emergia alguma rez phantasmal, couro e osso, pellido que nem de lepra, o olho baço e o farrapo do sedenho inerte. Fitava o caboclo longamente, mansamente, com uma penetração quasi. Depois mergulhava de novo no matto, com o cangote baixo e as pernas lérdas de fome.

Zé Cacundinha seguia firme. De repente esmoreceu o passo, pegou a negaciar de pão em pão.

Chupou com as arelhas todas as vozes do silencio.

Ninguem.

VI

Então correu para a estacada adeante. Saltou a porteira presa a cadeado, empazinou a cabaça, assentou a bocca na flôr dagua e bebeu voluptuosamente.

Quando saiu tinha pingos escorrendo pela barba rala. Não enxugou. Deixou aquella fresquinha bôa na cara.

Metteu o pé na estrada e fez o caminho ás avessas.

VII

Mas uma feita não poude ir. O trabalho assoberbava. A miunça morria aos boços no chiqueiro. Morrinha.

Zé Cacundinha mandou Néco. Com o coração arrojado. Que geito? Mandou.

Guinguirra falára verdade: era necessidade mesmo.

VIII

Mas Pedro Honorio não sabia que diabo de palavra era esta. Necessidade. Pedro Honorio não sabia.

la e vinha na varanda batendo as prezas de raiva:

— Dou um geito, cão! Dou um geito, cão!

Os vaqueiros se entreolharam. Conheciam o significado daquella expressão: dar um geito . . .

AGUA

IX

O sol se pôz:

— Néco não vem, Zé.

— Isso foi algum péba que sahiu na estrada e elle deu em cima.

— Foi não, Zé. Caça não anda nestes tempos.

— Deixa de visagem, mulher!

Cacundinha reprehendia a companheira, mas elle mesmo estava amarrado por dentro.

A noite comeu o sertão. S. Jorge sahiu campeando no céu, montado num pedaço de lua.

— E Néco?

Zé não respondia mais. Ficou quieto feito pedra, assando um olhar comprido no fogaréo do terreiro.

X

Néco tinha um tiro só. Cahira pertinho da porteira. A cabaça estava melada de sangue.

Cacundinha botou o corpo nas costas, crispou a mão livre no gargalo da vasilha.

O ar ia ficando azul para amanhecer .

No sertão tem policia.

No sertão tem justiça.

Mas Néco era pobre . . .

XI

Pedro Honorio riscou o cavallo na beirada da lagôa. Uma turba confusa de caboclos, brancos e curibôcas rascava risada em torno d'elle:

— Bôa tarde, coronell!

Encolheu-se na sella. Deante dos cabras aloujados de armas, a petulancia do tuntunqué murchava como um balão furado.

Affectou jovialidade:

— Que é que ha, rapaziada?

Homens sujos arrastavam rifles pelas bandoleiras. Os chapéos de couro, as cartucheiras, os cinturões, as bainhas, os coldres das pistolas fuzilavam de enfeites: medalhas de ouro, estrelas de metal branco, ingenuos bordados a linha vermelha e oleado.

— Apeie-se — ordenaram.

Pedro Honorio obedeceu.

— Beba esse canéco dagua . . .

— Não estou com sêde — animou-se a dizer.

Uma gargalhada enorme chicoteou o silencio:

— Agora ninguem tem sêde. Já choveu, é o verde. Mas beba assim mesmo, coronell!

E um punhal beliscou-lhe o ventre.

— Outro mais!

— Outro mais!

— Você vae engulir esta lagôa toda!

Pedro Honorio pegou a arquejar. Soluçando. Vomitando.

Não aguentava. Era um trapo.

Então Zé Cacundinha aproximou-se com a pajahú desembaíhada, a lamina fria e livida. Na face dura as pupilas latejavam:

— Arreda!

A cabroeira deu praça.

— Filho duma égua!

O fazendeiro desabou no chão recamado de seixos. Estremeceu, fez espreguiçamentos languidos, vibrou que nem no frio da sezões. E os seus labios se descerraram num derradeiro arreganho.

XII

Por todo o Brasil jornaes refletiram a indignação da Sociedade contra "mais esse hediondo crime do cangaço".

SODRÉ VIANNA

O FENOMENO PUSCHKIN

PAULO PALATNIK

O fenomeno Puschkin é mais uma vigorosa contradição as balelas racistas do Herr Streicher e seus comediantes. A teoria da pretensa raça nórdica, do "ariano puro," que não resiste ao menor exame científico, essa teoria que tem servido apenas como habil instrumento á demagogia nazista, e que desmorona como um castelo de cartas ao mais leve vento de análise, essa teoria cae completamente no ridiculo quando se observa o fenomeno Puschkin. Como é sabido, corria nas veias deste maior poeta slavo o sangue do negro africano. Uma alusão sobre o fato o poeta nos dá nas paginas da sua famosa novela - «O negro do Czar». - E eis como o negroide-Puschkin decendente de uma raça «inferior» veio desmerecer os «postulados» louros da raça nórdica, do arianismo «eleito».

Eram alguns decenios depois que Pedro, o Grande, «tinha aberto a janela para a Europa». A sociedade russa no começo do seculo XIX estava ainda em estado de formação, sua cultura na fase embrionaria de evolução, sua literatura - uma mera imitação das correntes renovadoras que brotavam no ocidente. O imperio imenso, ainda em plena era medieval, achava-se imerso num absolutismo e obscurantismo lerozes, que retardaram o seu progresso social, ao passo que o ocidente, já todo iluminado pelas luzes do racionalismo que imanavam dos archotes carregados pela plebe desaçaimada de 89, vinha abrindo horizontes, novos para o espirito humano. Os Chêniers, Byrons, Schillers andavam a entoar odes á liberdade. A *Kultur*, na acepção goeteneana do termo (tão vilipendiada na Alemanha de agora) vinha prometendo á humanidade resuscitada um futuro luminoso e mais feliz.

Surgira, então, no cenário da vida espirital da Russia a figura de Puschkin. No conceito de Gogol, o autor de «Poltava» era o poeta mais nacional de todos os seus precursores. Realmente, ele é o poeta mais nacional russo por excelência; a alma slava e a paisagem russa encontram em Puschkin o seu maior cantor. Mas o nacionalismo do genial poeta não inclui o sentido deturpado dos nacionalismos doentes dos nossos dias. Puschkin era em primeiro lugar um grande artista; não procurem nele o poeta social, busquemos apenas o artista e encontraremos tudo, pois a arte foi sempre a serva fiel da vida. Cabe-nos dizer o que muitos já disseram: a arte é o espelho, é o reflexo da vida.

A missão do verdadeiro artista em face ao meio social, é descer da montanha e pôr-se em contato direto e estreito com a vida. Tornar-se o fiel interprete dos multiplos aspectos da vida.

Cabe-lhe dar um quadro nitido do meio a que pertence, descrever a vida com seus claros escuros, com todos os seus defeitos e virtudes, colocar-se no papel de juiz e de testemunha ao mesmo tempo, compete ao artista, enfim, condenar ou absolver.

Precisamente, num momento em que as letras russas viveram sob o influxo do romantismo banal e do pseudo classicismo francês, veio Puschkin com seu senso sadio de realidade e transformou tudo aquilo. Enjetou no espirito entorpecido da sua gente o contraveneno da sua critica mordaz e da sua ironia aguda, reanimando assim as belas letras, despertando nelas o verdadeiro sentido, a sua real missão em face á sociedade em formação.

Atravez da sua prosa cristalina e dos seus versos pujantes, versos que têm vibrações de cla-im, o poeta realista descreve a vida dos feudaes, os excessos da classe dominante, com toda a sua hediondez e hipocrisia. Com o escarneo de um sátiro, o poeta nos revela os costumes de uma elite completamente condenada, o modo de vida da casta militar, da nobresa oficial, levando uma existencia nababesca com festivas e bailes suntuosos, em nada se incomodando com a miseria semeada entre os servos por aquele seu modo de vida.

Na sua maravilhosa narrativa - «Dubrovsky» - o autor condena, em resumo, toda essa casta reinante; pinta em cores vivas a hierarquia de um regime em franca decadencia e decomposição. Também em «Eugenio Oneghin» em que nos dá um fiel panorama do «gran-mond» russo, também aqui, embora com menos mordacidade, se constata a ironia fina de que o poeta se utiliza para desmascarar aquela sociedade corrupta. E é nisso que repousam os grandes meritos desse grande artista, admitindo-se em qualifica-lo de escritor social.

Entretanto, o sofrimento agudo do seu povo, os anseios de liberdade que ali existiam, não encontraram expressão no verbo artistico do poeta. Nos seus «Contos Populares», versificados, encontramos apenas o cantor da alma popular. Mas, seria uma injustiça culpar o poeta, pois não esqueçamos que Puschkin não foi senão um filho da sua época, do seu seculo.

A arte - segundo o conceito de «Taine» - cria em cada época a sua «personage-regnant»; o personagem reinante na arte da idade media foi aceta abnegado, no seculo dezeseite, o homem da corte, na época de Puschkin ou era o Fausto insaciavel ou o Werter triste. E' á nossa era que pertence este poderoso «personagem reinante» - o anseio popular de liberdade cada vez mais ameaçada pelos «totalitarios».

Puschkin foi, apenas, filho do seu seculo, repetimos. E' o ambiente que forja o seu genio. Puschkin como poeta honesto reagia á obra malefica e destruidora do regime feudal; reagindo á sua maneira. O poeta insurgiu-se contra o nefasto estado de cousas. Basta o fato de ter pertencido ao movimento dekabrista. Depois de julgada a insurreição de dezembro, o poeta foi perseguido pela «Ockrana» e suas obras submetidas a uma severa censura; donde a conclusão de que ele lutava pela liberdade.

Mas o ponto culminante de perfeição artistica, que este genio alcançou, foi ao penetrar na floresta insondavel das paixões do mundo. Em cores bem vivas, o seu pincel nos pinta o bosque sombrio que é a psique humana. Ali, é que Puschkin é Puschkin.

O lirismo cede lugar ao infatigavel pesquisador da alma humana mergulhando nas suas profundezas em busca da luz. Nesse dominio, os sons de sua lira fundem-se com o clamor das paixões rubras. Nas senas em que se desenvolve o amor, o crime, o rancor e o odio é que o poeta atinge o apice da criação artistica. Os seus heroes na maioria ou experimentam a suprema felicidade de um amor sublime, ou são amaldiçoados e devorados por um crime desolador.

Os seus personagens, que são dotados de uma força de vontade terrea, de temperamentos rigidos e sempre expostos a terríveis rajadas de paixão, estes seus personagens são desenhados com maestria rara. Os seus poemas dramaticos, em que os sentimentos polarmente opostos o amor é o ciuime-são traçados com perfeição artistica, imortalizaram o poeta e asseguram-lhe um lugar de destaque na literatura universal; aqui nos vem a mente a cena comvente do inolvidavel «Poltava», em que Maria, candida criatura, é posta em desespero pelo seu feroz destino, a escolher entre o seu nobre pae que tanto venerava, e o algoz Mazepa por quem tão loucamente se apaixonara, preferindo este; esta cena em que o genio põe toda força e exuberancia de seu verbo creador, esta cena que na sua magnificencia transporta e arrebatava o leitor, é uma das não poucas que permitem pôr Puschkin entre os mais eminentes vultos da literatura mundial de todos os tempos.

Aleko, Zemphira, Mazepa, Maria, Gononoff, são figuras esculpidas por um grande mestre. Nestes personagens Puschkin soube interpretar com nitidez de um genio, os dramas eternos, os choques das contradições, as discordancias no mundo interior do homem. Eis a razão porque suas obras não pertencem somente á efemeridade de uma época, mas sim á posteridade, a todas as gerações, e saberão resistir ás rajadas das escolas literarias.

E esta promessa luminosa foi tão prematuramente cortada pela morte ocasionada por um «duelo». Foi aos trinta e poucos anos, na flôr de sua mocidade, em pleno desabrochar de sua atividade criadora, que a morte veio colher esse gigante. Não fosse esse suposto «duelo» que os carrascos de Alexandre II arranjaram com o intuito de acabar com esse «elemento» que não se acorrentara ao carro de seus bajuladores, e a humanidade seria enriquecida com mais um Shakespeare. Foi numa manhã de inverno que a vida desse genio, mal beirando o seu quarto decênio, foi abatida. Ele, que viverá no coração do seu povo, que viverá eternamente no coração de sua patria, pertence e pertencerá á causa da humanidade livre.

E. ASSEMANY

— ADVOGADO —

Causas Civeis, Commerciaes e Criminaes

Padre Vieira, 1 - 1.º andar

Junto ao H. Meridional

C. POSTAL 49 - TEL. 5541

BAHIA - BRASIL

JOSE' SAMPAIO E O SENTIDO DE SUA POESIA

CARLOS GARCIA

Naquele tempo — já vão cinco anos — eu trabalhava como revisor da "Republica", do dr. Gonçalo. O gerente estava pra sair, e esperava apenas um outro que viesse substituí-lo. Uma tarde entro na redação e lá encontro um rapaz de feições delicadas e meio curvo sobre si próprio. Cumprimentos. O rapaz me disse que se chamava José Sampaio, havia chegado do interior, e que era o novo gerente. E mal lhe comunico que sou o revisor, levanta-se apressado e vai buscar uma cadeira pra mim, numa gentileza que nunca um gerente faz a revisor. Fiquei espantado. E disse comigo mesmo: — Qual, este não dá pra coisa... E começamos a conversar. O rapaz do interior puxa daí a pouco, meio acanhado, uma folha de papel almasso. E me entregando:—

— Um poema que fiz...

O meu espanto aumenta. Um poeta! Um poeta como gerente de um jornal pobre! Olhei os tipos grafos lá dentro, me lembrei de mim próprio, tive pena de nós todos, e raiva do dr. Gonçalo. Não sei si foi por isso que não gostei muito daqueles primeiros versos... (E de fato José Sampaio demonstrou depois que não havia nascido pra gerente de jornal. Nos sabados faziam da "Republica" um verdadeiro inferno. Não havia dinheiro e os tipografos reclamavam. Mas a raiva maior era do distribuidor. Era um homem que vivia com os dentes rangido, sujeito que fazia mêdo. Distribuía jornal ha muitos anos e tinha um entusiasmo bruto por Gumerindo Bessa. Sampaio lhe descobriu este fraco, e todo sabado, era na certa: puxava conversa sobre Gumerindo. O homem tomava a palavra, seus dentes deixavam de ranger, e esquecia o dinheiro...)

Mas passavam-se os dias. José Sampaio de vez em quando — ás vezes diariamente — chegava perto de minha banca, metia a mão no bolso da calça, arrancava de lá um bolo de papel no meio de contas, niqueis e algum cigarro perdido, desamassava o papel escrito:

— Fiz isso hoje...

Eu ficava assombrado com o que via. Eram versos cheios de uma humanidade, de uma simplicidade e de uma profundidade admiráveis pra qualquer outro, e incríveis quando o poeta é um rapaz vindo do interior — quasi sempre caldo de cultura de literatos horríveis — e cujos estudos se tinham reduzido ao curso primario e algumas leituras desorientadas. Pela primeira vez eu via o povo em versos de um poeta sergipano. Era natural que houvesse defeitos na poesia do Sampaio daquele tempo. Mas tal era a força que se desprendia de cada frase, e ás vezes de cada palavra, tão definido era o sentido social de seus poemas, que as pequenas falhas desapareciam pra qualquer pessoa de sensibilidade. Eram versos de um sabor completamente novo. E' verdade que é ao meu amigo José Maria Fontes a quem cabe a gloria de iniciador em Sergipe do movimento moderno que começara a fazer tremar as bases da velha literatura nacional. Mas quando José Maria apareceu, o modernismo no Brasil estava ainda naquela fase de intelectualismo esteril, em que os poetas chegavam a ser confusos na tacita aposta pra ver quem era mais sutil. Tratava-

se, pois, de uma poesia distante do povo, revolucionaria na forma, reacionaria no fundo. José Maria recebeu uma forte influencia desta fase. Sampaio, ao contrario, era homem antes de ser intelectual. Veiu de baixo, viveu misturado com o povo, sentiu de perto a sua vida e a sua dôr, ouviu os gemidos dos eternos esmagados, e quando a sua poesia foi divulgada em Sergipe o que todos viram nela foram, em linguagem simples, os grandes dramas coletivos. Foi por isso que poucos anos depois ele pode escrever «Cadê você, Conceição?», que é a tragedia de todas as meninas pobres do interior que veem encantadas pra Capital e aí são arrastadas, e desfiguradas, por forças que não percebem. Tão desfiguradas que o poeta é forçado a dizer:

«A Cidade pequena
Onde você nasceu
Espera o dia de sua volta
Como um dia de festa.
Porque não sabe
Que você morreu.

Não volte nunca mais
A' cidade pequena
Onde voce nasceu
Porque todos dirão
Olhando pra você:
—Cadê você, Conceição?
Conceição, cadê você?»

Depois, José Sampaio andou passeiando pelo cais de Aracajú, viu o sofrimento dos «maloqueiros» como são chamados lá aqueles meninos desamparados que

«Moram debaixo das pontes
Nos trapiches abandonados
Infestam o cais...
E vivem pelas ruas espreitando
Olhando de soslaio as vitrines das casas
As mercadorias amontoadas nas portas
das lojas
Como fascinados pela riqueza extravagante.

Arquitetam planos de assalto
E uma ponta de alegria aparece de leve
No brilho dos olhos inocentes.
E de noite
Cansados
A barriga pregada na espinha
Os maloqueiros sonham.
E ficam ricos no sonho.
Vão ao cinema Rio Branco
Ao ponto Chic
Pedem ricas saladas de frutas
Charutos dos melhores
Pra se acordarem mais tarde
Com a tosse seca
Do companheiro

As costelas doendo no chão duro»
E tudo que ele faz é assim. Poesia que comove e ensina, desta poesia construtiva que deve-

O Anônimo Bonifacio dos Anjos

RODRIGUES DE MIRANDA

Eu queria fazer uma cronica. Em todo caso, sempre ha facilidade de se escrever qualquer coisa, sem necessidade de fazer pressão na nossa pobre inteligencia. Por exemplo: o depoimento de um sujeito desconhecido. Não fiz literatura. Não enfeitei o que o homem disse. Apenas transcrevi, porque achei bonito e original. Achei mesmo que o depoimento vale muito mais do que todos os livros do sr. Gustavo Barroso. Talvez achem ridiculo. Apesar do depoimento ter certas reticencias, é natural que o leitor vá desculpando logo. Mesmo porque o homem mostrou-se por dentro e por fora. E o sujeito doente como é ele só poderia ter escrito sem método, sem nada. Na minha opinião, esse Bonifacio dos Anjos é mais do que um autentico literato: é um monstro de bondade. Mas a miseria afastou-o da convivencia humana. Ele tem coragem, e por cima de tudo, ainda pode pedir auxilio. Bonifacio é uma lição. "Brasileiros! protegi a inteligencia contra os corruptores e os falsos literatos. A literatura é a musica dos sentidos. O homem culto deve ficar isolado do tumulto e da furia dos nossos tempos. A inteligencia deve pairar acima da confusão da nossa época..."

Isso que o leitor acaba de ler, a respeito da inteligencia, foi, se não me engano, um trecho de discurso. Aliás, feito num banquete por um intelectual nosso, em homenagem "à pomba branca da paz". Estão de parabens os ilustres homens de letras do meu paiz (ou do nosso, como queiram). Principalmente os que concordaram com as palavras do homem que falou no banquete. Restará, por acaso, do famoso banquete de cordialidade, uma migalha de pão para o honesto e pobre Bonifacio dos Anjos? Não. A inteligencia é contra a esmola diréta. Depois de toda essa xaropada, resolvi botar prá fora o que disse o meu amigo Bonifacio dos Anjos. Leiam com atenção:

"Não sei mesmo a razão de tudo o que se passa perto de mim. Às vezes sinto calafrios incríveis. Sou um homem sem historia. Isso é talvez a maior honra de minha vida, em cima deste planeta velho. Sei de boa fonte que esse negocio de insignias, discursos, fantasias, muita bebida, sempre é um sinal de que o carnaval se continúa nos atos humanos. Pelo menos os mascarados estão bem vestidos, com aparência de honestos, etc. Os discursos se sucedem e eu continuo de olhos e ouvidos fechados ás promessas sensacionais. Imaginemos que eu esteja numa situação horrível peor do que a que cheguei. Pensando em charutos e nas palavras cheias de fé (podia ser fé) patriótica de um sujeito gordo, de pincenez que tem o pseudônimo de polido. Observando bem, acho quasi motivo para um ensaio. Como seria o titulo? Isso é besteira. Mas hoje, numa época assim, o titulo vale muito. Por exemplo: "O homem, a politica e a lama." Ótimo! Não digo notavel porque é uma palavra muito usada nos tempos que correm. Avalie, o amigo que me lê, pensará talvez que estou precisando de entrar no manicômio. Engana-se. Eu seria muitas vezes doído, mas a minha loucura não é mais do que uma vontade enorme de acabar com o odio universal. Por acaso não haverá uma loucura generalizada?

A invenção é mesmo uma coisa triste, muito feia. Até aqui sou um homem de trinta anos de idade, metido numa casimira que não tem data, cabelos quasi brancos. Afinal, sou um homem sem profissão. Isso que o amigo vê, já significa uma boa filosofia. O meu nome devia aparecer logo no principio.

Sou, porém, pouco economico, e isso tem sido o motivo do meu fracasso. Chamo-me Bonifacio dos Anjos. Eu mesmo não sei por que me botaram semelhante nome. Minha familia já se acabou toda. Quando era menino, minha mãe passava a mão pela minha cabeça, e sempre dizia: Bonifacio, você precisa ser um homem de bem. Estudar muito para ser feliz...

Hoje os conselhos de minha mãe ainda estão nos meus ouvidos. Parece mesmo que a unica coisa séria que aprendi na vida, foi a de ter consciéncia de que sou um ente imprestavel. Um amigo de infancia, que hoje é dono de varios edificios, gostava muito de me dizer que "a vida era luta renhida" Depois eu vira saber que aquilo não era dele. Era de um poeta que morreu e foi enterrado no mar. Nome: Gonçalves Dias.

Por aí o amigo que lê notará que não sou um sujeito burro. Li muito, quando o tempo estava sereno e as coisas não iam ruins. Infelizmente uma onda enorme enguliu tudo o que me restava. Hoje, tenho certeza absoluta (disse mal: tudo é relativo) que possuo uma roupa sem data. A literatura que aprendi deu forças pra contar aquilo que ninguém sabia ainda. Machado de Assis criou varios tipos. Si ele tivesse me conhecido posso garantir que ficaria decepcionado. Ficaria mesmo, porque somente eu, vejam bem, seria capaz de abafar todos os seus personagens. Ele ficaria girando em torno de sua propria pessoa, sem personalidade, sem nada. Eu seria o vitorioso, o homem que destruiu o sentido de uma obra. A minha fama se espalharia por toda parte. Escreveria logo um enorme artigo analisando a indiferença de Machado de Assis, o seu comodismo diante do espectáculo feio da vida. O amigo leitor achará uma ousadia que Bonifacio dos Anjos, com trinta anos de idade, uma roupa surrada, cabelos brancos, sem profissão, arrisque um palpite sobre literatura. Também acho, leitor. As minhas palavras ficaram embutidas no meu cerebro. Sou um sujeito cheio de impetos, apesar de estar todo escangalhado. Arrumo sempre um jeito de me comunicar simples e humanamente. As bocas estão fechadas, eu sei disso. Os homens lutam, uma especie de luta livre nesse tablado comprido do mundo. A ficha de minha vida está na mão de todos os homens. Onde passo, dizem: "Lá vai Bonifacio, o pobre homem..." Isso dizem de uma casa grande cheia de flores e de crianças brincando de cirandinha. Ouço simplesmente a cantiga das crianças. Tenho uma vontade louca, nesses momentos, de ser magico. Eu faria com que a humanidade ficasse criança. Então, em vez de canhões, nós teriamos bonecas. A concorrência não mataria os estímulos humanos. Tudo marcharia com os ventos sempre favoráveis. Uma distração que me faz voltar aos vinte anos, é ficar escutando um samba, por exemplo. Ai eu tenho

vontade de lutar.. Bem que poderia ter sido pelo menos padeiro.

Si tivesse metido a cara no mundo, estaria agora feito marinheiro. Conheceria as nações. Amaria as mulheres de todos os continentes. Sentiria um vento novo que havia de soprar em todas as direcções, para limpar as impurezas do mundo. Mandaria recados pra minha gente, por marinheiros chineses. Viveria cumprimentando todos. Caminharia com a calma dos que teem a consciéncia do seu destino. Eu seria, meu caro leitor, um Bonifacio sem roupa surrada, nem cabelos brancos.

Ando triste e doentio quando penso. O diabo é que tenho uma cabeça. É a minha desgraça. Ai, se eu pudesse parar esse trôço! Infelizmente existe cabeça em quantidade e quantos Bonifacios, não ha neste planeta, onde Adão e Eva teimaram em abrir a porta para o genero humano!... Abel e Cain são velhos. Cain é mais velho, porém. E continuará esfauquando, a tórto e a direito. Cheguei, porém, á conclusão de que Abel não é irmão de Cain. Só estou com medo é que os teologos venham puxar discussão. Cada dia me convenço mais de que Abel não era irmão de Cain Olho no espelho e vejo um rosto magro e uns olhos cavados que não podem ser meus. Mas são. Digo pra você, leitor daqui do Brasil ou da China, Portugal, Inglaterra, ou, resumindo, do mundo inteiro, que Bonifacio dos Anjos foi perseguido, enxotado nas suas tentativas, por um Cain terrível e sem educação. Esse Cain cresceu prá cima de mim e me deixou no estado deploravel que você já conhece, amigo leitor. Isso não é lamentação. Apenas um aviso em meias palavras. O individuo, hoje, não pode dizer tudo. Todos os leitores devem se reunir e tratar de pôr em pratica um ataque sereno e decisivo contra esse Cain. Não precisam mata-lo. Apenas tira-lo do poleiro inutil de rei onipotente e encaminha-lo para o bem. Nesse dia, Bonifacio escreverá um livro de Memorias, que o revelará ao mundo. Esperarei ansioso pela resposta do meu pequeno depoimento. De um bom trabalho de vocês, resultará uma emoção nova, que nos levará a um lugar, onde não se destruirá o sentido da felicidade humana..."

Quem quizer pode dizer que isso é imaginação. Eu, de minha parte, acho que esse Bonifacio dos Anjos é alguma coisa de grande, dentro de minha admiração. Si eu fosse capaz de criar um tipo como o Bonifacio me consideraria quasi feliz. A verdade do depoimento confunde-se violentamente com a verdade da vida. E desse choque, nascerá um mundo diferente. Uma vida que Bonifacio sonhou ter um dia.

ESFERA

Revista de Letras, Artes e Ciências

DIRETORES

Maria Jacintho, Sílvia de Leon Chalreco, Aureo

Otoni, Frederico R. Coutinho

RUA URUGUAYANA, 86 — 3.805

Caixa Postal, 1.219 — Rio de Janeiro

CORAGEM DE PENSAR

ANTONIO OSMAR GOMES

É de Pascal *Pensées* esta elementar porem sábia afirmação de que o homem é visivelmente feito para pensar, e que nisso está toda dignidade e está todo o seu merito.

Feito para pensar, é preciso, entretanto, que o homem tenha a vontade, em si, de pensar, e, mais do que a simples vontade de pensar, é preciso que elle tenha a coragem estoica de pensar. Nessa coragem é que está o merito de sua intelligencia. Nessa coragem é que está a dignidade de sua vontade. Merito absolutamente condicionado á dignidade, visto que onde não houver merito de intelligencia não haverá dignidade de vontade.

Porisso, tambem que Santo Tomás, na sabedoria imensa de sua *Summa*, raciocina que nós somos para pensar e que a pura especulação é a fórma superior, perfeita e beatificante da vida que nos é propria.

Sim, é preciso que o homem tenha a coragem de pensar, que é, justamente, o que está faltando, cada vês mais, ao homem de hoje.

É que o homem de hoje, desgraçadamente sem coragem de pensar, acomoda-se, numa degradante passividade, ao pensamento dos outros.

Abdica da força interior do pensamento. Foge de sua propria consciencia de sêr pensante. Não sabe querer, porque não quer pensar. Assim, tem a sua liberdade toda sacrificada. Assim, tem a sua dignidade toda alienada. Assim, deixa de ser verdadeiramente humano. E esse homem de hoje é o irresponsavel, o inexpressivo, o indenticavel individuo, sem expressão humana de pessoa na sociedade das pessoas humanas. É o homem que não tem um nome, porque tem um numero, pois deixou de ser qualidade para ser simplesmente quantidade, que se soma, que se catalóga e, até mesmo, que se vende.

Porisso, a crise geral em que o mundo se debate, com o homem em desespero no vórtice medonho dos totalitarismos avassaladores; como o homem sem vontade, sem intelligencia, sem destino, transformado nessa coisa miseravel entre todas essas outras miseraveis coisas que se movem como caricatos polichinelos acionados, arbi-

trariamente, caprichosamente, irrisoriamente, por uma vontade unica, por uma vontade de bom ou máu tirano, mas, de qualquer modo, vontade ilegítima de tirano.

E nas tristes prefigurações da sociedade moderna, é isto o que, se está verificando: o homem, acovardado, sem coragem de pensar, para ser homem, para ter e defender a sua personalidade, para compreender o seu destino e a sua responsabilidade de homem entre os homens.

As novas gerações, portanto, se impõe a tarefa heroica de quebrar essa cadeia de falsas concepções politicas, sociologicas e humanistas, em que o homem deste seculo se acha prêsso, pelas suas proprias deficiencias ou insuficiencias. Compete ás gerações novas a missão rude em seus meios, porem esplendida em seus fins, a missão de dar liberdade ao homem, isto é, de reconquistar a liberdade que o homem tem em si mesmo, mas que não a soube defender e exaltar, e a perdeu nas fórmas exteriores dos idolos e dos mitos modernos.

E é pela intelligencia, e é pela disposição corajosa de pensar, que as novas gerações haverão de triunfar para a liberdade, não compreendida através das desordens do liberalismo, essa bastardia do conceito da liberdade, que tanto se desmoralizou e, desmoralizado concorreu para a deploravel situação geral dos povos contemporaneos.

Com efeito, pela força da intelligencia e pela corajosa disposição de pensar, é que o homem ha-de reconquistar a sua liberdade perdida de pessoa humana, liberdade que está na sua essencia, liberdade de querer, liberdade de ser, liberdade para a vida e para a morte, liberdade que é tanto mais liberdade quanto mais condicionada seja aos principios eternos, morais e espirituais, da Verdade revelada em Cristo.

E a vida dessa liberdade, pela fôrça da intelligencia e pela coragem de pensar, o homem encontra dentro de si mesmo, nas suas imanentes energias interiores, no seu sêr e na sua alma, como criatura, com finalidade natural de existencia na terra e com direção sobrenatural para a eternidade no Céu. Daí, a imperiosa

obrigação do homem de ser homem perante si proprio, na intimidade do seu sêr, e perante os demais homens, nas comunicações tão complexas de sociabilidade, para que, sendo homem assim completo, seja, *ipso facto*, homem perfeito em face de Deus, o seu Criador, este Criador que lhe outorgou, dentre todos os demais bens inestimaveis da criatura, o dom supremo de pensar, para ser, e de ser, para pensar.

Essa é a perfeita concepção cristã da grandeza da pessoa humana, no sentido da infinita grandeza da Pessoa divina. Grandeza de liberdade. Grandeza comunitaria. Grandeza de afirmação do homem no humano pela sua coragem de pensar. Grandeza que não se mede, porque se estende infinitamente nas azas do pensamento, indo até onde ele vai, pela intelligencia, pela vontade e não pela fé. Grandeza que oscila para qualquer dos extremos modernos da vaidade, da intolerancia, da rebeldia do homera de hoje, que pende para um ou para outro extremo, porque o centro lhe causa horror. É o centro de tudo e de todas as coisas, é o principio mesmo e o fim mesmo de tudo e de todas as coisas. E' Deus. Portanto, Deus é o centro que o homem de hoje repêle porque não quer ser anjo no centro da vida divinamente humana, preferindo ser monstro nos extremos mal-equilibrados dos totalitarismos despersonalizadores, inhumanos, em que a intelligencia é asfiziada se estiola a vontade.

Eis porque, apelando para as gerações novas, para que não se deixem contaminar pelo veneno filosofico, social e politico, do antropocentrismo moderno dos extremos, o fazemos porque confiamos na fidelidade dos moços á sua vocação. E a vocação da mocidade que tem coragem de pensar, é uma vocação superior a todos os determinismos satanicos da politica extremista e dos extremismos politicos. E' vocação de liberdade, pelo destino verdadeiro do homem na sociedade em que Deus é o centro.

E' nisso que a coragem de pensar das gerações novas ha-de firmar-se e ha-de realizar-se, plenamente, humanamente, porque cristãmente.

O extraordinario interesse das gerações deste seculo pela Filosofia não é certamente obra do acaso. Dezenas de obras de Filósofos antigos e modernos tem sido reeditadas com sucesso. Compendios de Historias da Filosofia em todos os tamanhos enchem as prateleiras das livrarias, onde os espiritos inquietos e curiosos os vão buscar.

Esse interesse, aliás, se explica facilmente pelo sabido entrelaçamento que existe entre a Filosofia e a Política, a qual está inegavelmente no fundo de cada doutrina filosofica. Por isso mesmo pareceu-nos oportuno fazer algumas observações a nosso ver de grande interesse para aqueles que se dedicam em particular ao estudo da "rainha das ciencias", a Filosofia.

* * *

Parece-nos impossivel compreender as concepções de qualquer filosofo sem situa-lo convenientemente *no tempo e no espaço*, isto é, procurando estudar ao mesmo tempo não só a época mas as condições sociais e economicas em que viveu. Só assim nos será possivel perceber o fundo das concepções de muitos filosofos, cujas teorias nos são expostas, em geral, numa abstracção completa daquelas circunstancias.

Como explicar a decadencia da Filosofia grega depois de Aristoteles, e as concepções derrotistas e negativistas dos estoicos e dos cinicos, por exemplo? Como explicar as razões pelas quais, a historia da Filosofia grega, começando com Socrates, o curioso, vá, depois de um brilhante periodo, terminar na melancolica *apatia* de Zenon e a sua escola, si não observamos que a Grecia, como civilização, declinava pela mesma rampa, desde a morte de Alexandre, nos ultimos anos da invasão macedonica?

Do massudo e erudito Hoefding ao elegante e suave Will

A FILOSOFIA

Durant, as historias da Filosofia se limitam a expor, aliás com exaustiva minucia, todo o emaranhado complexo do pensamento dos filosofos, de tal maneira que, si alguns deles ressucitassem, ao ler "as suas proprias" ideas, se perguntariam, parodiando o soneto: "quem será este filosofo?"

Tem se esquecido por completo o que a nosso ver é fundamental: as circunstancias sociais, economicas e politicas do meio em que viveram, cestado das relações sociais na produção, o caracter essencial da tecnica de produção da época.

A Filosofia não nasce por acaso na cabeça de um filosofo, mas ela é a super-estrutura de uma sociedade e é determinada pela infra-estrutura dessa mesma sociedade. Depende das lutas e das crises economicas e politicas que a affigem, no periodo em que se a escreve. Isso nos explica porque Rousseau pregava a volta á natureza e Hegel fazia o Espirito Absoluto dominar toda a marcha da Humanidade. Porque a Filosofia, si algumas vezes póde orientar a politica, muitas vezes se deixa guiar por ela.

* * *

Nada mais curioso e demonstrativo por exemplo que o estudo da Filosofia do periodo que se segue á Renacença.

Nos seculos XV, XVI e XVII o materialismo, nascido inicialmente na Inglaterra, se espalha rapidamente pelo resto do mundo civilizado, principalmente na França e Italia e ligeiros prenuncios na Alemanha. E' que a Burguesia se vai libertando do Feudalismo e começa a formar a sua consciencia de classe. Eis, porem, que ja no seculo XVII aparecem as primeiras diferenciações: O materialismo vai desaparecendo na Inglaterra e na Italia, e se revigora na

E A HISTORIA

França. Chegamos ao seculo XVIII, o materialismo atinge ao ápice na França, ao passo que na Alemanha somente no seculo XIX.

Só o estudo das circunstancias historicas nos dará a explicação de tais fatos. E verificaremos que foi na Inglaterra que a Burguesia se apossou primeiro do poder, em 1649 com a decapitação de Carlos I. Uma vez no poder, ela se torna reacionaria e o materialismo cede lugar ao misticismo. Na Italia, a descoberta do caminho maritimo para as Indias provoca a decadencia da burguesia comercial das cidades maritimas e com ela a decadencia do materialismo. Na França, entretanto, a burguesia ainda tem de lutar cem anos para fazer a sua revolução, em 1789, e na Alemanha somente em 1848, depois de uma acerba luta dos materialistas, com Feuerbach á frente.

* * *

Por estas linhas se póde ver claramente que o unico metodo para podermos estudar e compreender a Filosofia é observar o seu entrelaçamento com as lutas economicas, sociais e politicas da época. Mais que nunca é agora necessario fazer uma completa revisão no ensino da Filosofia, para que a doutrina de cada filosofo seja exposta paralelamente ao estudo da Historia.

Dessa maneira, para o estudioso que daqui a cem anos examinar a Filosofia dos dois primeiros quartéis do seculo XX, não será um misterio a razão pela qual o materialismo foi completamente expurgado da Filosofia oficial do tempo, para ser substituido por um triste e desolador misticismo.

LUIZ BASTOS

ESTUDOS HISTÓRICOS

BARRETO DE ARAUJO

Teve razão alguém quando procurou acentuar que a crítica dedicada aos nossos historiadores mal se tem feito em compendios de literatura. Com raras exceções, as referências aos trabalhos históricos surgem quasi que por imposições didáticas, faltando-nos o apontador conciente e seguro, o critico conhecedor profundo da Historia do Brasil, realizando a critica com o objetivo de fazer historia, corrigindo e opinando. Capistrano de Abreu fez isso; não entretanto, em escala desejavel. O comum são os comentarios de Silvio Romero, de Araripe, mesmo de Ronald, sem que esses escriptores fossem especializados.

Por isso mesmo a historiografia brasileira, pouco abundante, aliás, sofre uma seria diminuição no que de realmente possui. Precisavamos, sim, a exemplo dos argentinos, organizarmos a Historia da Historiografia Brasileira, afim dos interessados em tais assuntos poderem abraçar uma orientação. O problema não é o de uma enumeração bibliographica, mas o de uma fonte documental honesta, onde se buscaria um metodo para novos estudos. Sim, o que tambem nos falta é metodo. A ausencia de metodo explica a pobreza das investigações.

Não podemos apontar como historiadores de maior apreço entre nós, senão aqueles já conhecidos. Nunca é de se olvidar o valor inconcusso do que nos deixou Frei Vicente do Salvador, embora os seus originaes durassem ineditos o lapso de dois seculos. Nem prescindiremos jamais das preciosas contribuições de Southey e de Handelman, dois estrangeiros que nos desconhecendo pessoalmente sabiam muito mais de que nós mesmos. Mas não falemos deles. Importa-nos, sobretudo, ressaltar o magnifico exemplo de Varnhagen e

o seu apreciavel esforço para que nos podesse dar uma completa Historia do Brasil

Que foi ele o nosso verdadeiro historiador é o que se alardeia, e com justiça. O unico a enfrentar o monte de calhamaços, os documentos empoeirados e ilegíveis, num trabalho penoso e estafante, mas em todo caso, compensador. Varnhagen foi o unico a lutar sosinho entre os arquivos, no Brasil e na Europa, com o fim de realizar o seu grande sonho: a *Historia Geral*.

E é certamente por ser ele o unico sistematizador até então mais completo, que sua obra peca por graves defeitos. Relatando a Historia do Brasil, pouquissimas vezes deixou de ser apenas o cronista. A narração simples, sem o intuito científico de compreensão, certas prevenções injustificaveis com homens e fatos, levam-no ao erro, tornando-se até um reacionario. Não é certa a sua má vontade para com a inconfidencia mineira a revolução de 1817 e mais alguns outros movimentos de caracter popular do Brasil? O seu afastamento do povo é incontestavel. A sua visão era demasiadamente estreita, neste ponto, para que percebesse *por cima* dos fatos, perquirindo causas e apontando consequências. É uma obra extensa a do Visconde de Porto Seguro, mas extensa apenas no valor quantitativo, restando-lhe a sobriedade sinetica das conclusões.

Comparando-o a Capistrano de Abreu, que procurou preencher as suas insuficiencias, vamos encontrar no illustre cearense uma maior cultura humanista, a leitura de Comte e Spencer, o desejo de aplicar a Sociologia á Historia. Varnhagen conta. Capistrano explica. E creio mesmo que a introdução de um criterio mais científico para o estudo dos fenomenos historicos, é primazia conferida ao autor

do *Descobrimento do Brasil*. Esse criterio científico vem incontestavelmente, sendo observado pelos nossos atuais. Gilberto Freyre, Oliveira Viana, Sergio Buarque Holanda, Caio Prado Junior, são nomes cujo valor fundamental de seus livros enriquecem a nossa historiografia. Sendo que o ultimo, com a *Evolução Política do Brasil* teve a originalidade de interpretar uma certa fase da nossa vida politica pelo fator predominante das causas economicas, o que já é um sinal de coragem.

Não direi estarem os estudos historicos no Brasil em agonia, ou mesmo em estado latente. Não. Os nomes citados, e mais alguns outros faceis de se lhes juntar, já satisfazem, como prova de que não nos encontramos parados. O que notarei apenas, lamentando principalmente, é o fato do evidente abandono, passivel de censura, em que se viu forçado cair o estudo da Historia do Brasil no curso secundario. Por força de um decreto de 1931, incorporou-se esta cadeira á de Historia da Civilização, relegando-a flagrantemente a um plano inferior. Sem uma cadeira especializada, como antigamente, ficam os pobres meninos impossibilitados de fruir conhecimentos suficientes da historia do seu proprio paiz, imprimindo-lhes no cerebro, tão somente, a tintura de algumas aulas. Si, porém, considerarmos o numero de pontos, a prolixidade de um ou outro lente, a carencia de tempo para a exposição calculada e honesta do assunto, temos que confessar, ás vezes não ser possível ministrar-se nem uma unica lição a respeito. E ficam os alunos prejudicados, sem que haja nisso culpa, a mais leve, do professor.

É imperioso tornar-se autonoma a cadeira de Historia do

PINHEIRO VIEGAS

ALVES RIBEIRO

Vai fazer um ano que faleceu Pinheiro Viegas.

Com a sua morte, desapareceu um dos maiores panfletários do Brasil e, talvez, o maior epigramista da língua portuguesa. No entanto, a Bahia, onde êle nasceu e passou a maior parte de sua vida, não lhe prestou a menor homena-

dríd", um dos pontos obrigatórios dos aspirantes á profissão literaria. Coisa singular, esse homem que levou a vida inteira a mostrar os pés de barro dos idolos, era todo benevolencia para com os estreantes, ensinando-lhes, antes, a desprezarem a empáfia dos medalhões.

Costa, que, apesar de viver distante, em Ilhéos, sempre foi considerado do grupo.

Viegas a todos se impunha; e se impunha, principalmente, porque nunca fez questão de ser considerado o mestre, mas o companheiro. Juntos, sob a orientação desse velho mosqueiteiro das letras, alimentamos o

MENSAGEM Á INTELIGENCIA DA AMERICA

Quando do outro lado do Atlantico o odio e a discórdia cavam barreiras profundas entre os povos, SEIVA surge com o proposito de unir a inteligencia de toda a America em um largo abraço de amizade e compreensão.

A mesma disposição de defender a dignidade do pensamento e a civilização contra a onda avassaladora do barbarismo solidarisa todos os intelectuais honestos do universo, especialmente os da America, reduto invencível de paz, mas que se levantará como um só homem contra o que ouse desrespeitar o sólo de qualquer das suas livres nações.

Para essa tarefa de tornar cada vez mais real a cordialidade entre os povos e resguardar o pensamento humano dos atentados que contra êle se vão preparando, numa proporção assustadora, urge a união de todos os homens da America, para onde

se volve acobiça dos imperialismos expansionistas, união que deve ser começada pelos seus intelectuais, defensores natos da cultura e do progresso da humanidade.

SEIVA tem, portanto, as suas colunas abertas a todos os escritores da America que simpatizem com essa orientação e queiram contribuir com a sua inteligencia e a sua bõa vontade para a aproximação de todas as nações americanas, pelo trabalho sincero e desinteressado de seus homens de pensamento.

É animada desse espirito que SEIVA dirige a sua mensagem de simpatia, de admiração e de fraternidade a todos os escritores da America, até onde possa chegar, mensagem que é um reflexo da simpatia, da admiração e da fraternidade com que olha e deseja sempre olhar os povos a que êles pertencem.

gen oficial. Nem, sequer, a imprensa bahiana registou o acontecimento com destaque.

Quando muito, a mediocridade empavonada e vitoriosa, a quem êle jamais poupou com a sua sátira, deve ter sentido uma impressão de desafôgo.

Conheci-o, uns dez anos passados, no antigo "Café Ma-

Foi ahí, no "Café Madrid" e, depois, no "Bar Brunswick", em torno de Pinheiro Viegas, que eu tive ocasião de me aproximar do sociólogo Edison Carneiro, dos romancistas Jorge Amado, Clovis Amorim e João Cordeiro, este tão cedo desaparecido, do critico Dias da Costa e do poeta Sosigenes

sonho de que o dia da intelligencia ainda haveria de chegar para o Brasil.

Fóra desse grupo, a que os cronistas literarios de fóra chamam, hoje, de "Grupo de Pinheiro Viegas" e, tambem, de "Grupo da Bahia", a falta de Pinheiro Viegas teve pouca re-

PINHEIRO VIEGAS

Conclusão

percussão. Temido, em vida, pelos literatêlhos mediocres da Cidade do Salvador, estes, passaram a boicotar-lhe o nome, depois de morto, quando não se referem á sua memoria apenas como á de um bohemio impenitente e de um destruidor sistemático. É assim que a vulgaridade humana costuma se vingiar dos verdadeiros tipos de exceção.

Já disse Oswald de Andrade que, ha alguns anos passados, o contrario do burguês, aqui, não era o proletario: era o bohemio. Viegas era bem esse tipo de lutador. A nenhum dos grandes movimentos politicos e sociais da sua epoca, êle ficou alheio, nem se colocou, jamais, a serviço dos poderosos do dia. Toda a sua existencia f-i uma luta constante pela justiça e pela liberdade.

Mas Pinheiro Viegas era, antes de mais nada, um espirito de elite, um intelectual puro. Homem de "avant-guerre", convencido de que o grande escritor não tem escola, como o grande politico não tem partido, foi, em tudo, um franco atirador. Mas nunca, um cético ou um negativista. E si é certo de que não chegou até á ação social, não deixou, contudo, de protestar, a seu modo, contra os vícios e contra os erros de seu tempo.

A sátira foi a sua arma de combate. Não foram poucos os inimigos que êle creou com os seus epigramas. Por isso, até depois de morto ainda ha quem pretenda diminui-lo, procurando ocultar a sua vida e a sua obra á curiosidade das novas gerações.

A conspiração dos mediocres é, porem, impotente para anular aquêles que se fizeram contemporaneos da posteridade.

CANTIGA DE

CANNAVIAL



Não posso mais chupar canna
com socego e com descança.
De que serve tanto assucar,
se em meu peito ha tanta fel?

Apanhei já de chicote
dos soldados de Pilatos.
Ja me botaram no tronco.
Eu sou um Christo no mundo.

Eu não quero desertar
pro quilombo de Zumbi.
Quero ir é para Angola.
Já sofri demais aqui.

Oxalá, meu santo velho,
se eu tenho merecimento,
me tire desta gangorra,
me leve para Aroanda.

Ai que saudades que eu tenho
daquella canna cayana
que eu chupava ao sol-poente
na terra de Aroandê!

Sasigenes Costa

O MATO

bando caminhava entre donzêlas negras, retomando a sua antiga ascendência na tribo. Aquela marcha tinha uma música: vinha das vózes surdas conversando seus temores e vinha também do vento que soprava trazendo o ar dos cantos da terra. Mülêques do eito catando bichinhos, esmagando torrões. Mullieres bambás sacudindo as carnes entre o capim, todos caminhando para o mato prometido.

Um a um se deixando engulir pela mata. Corpos lustrósos mergulhavam no verde dos ramos, na sombra das plantas. Na mata irmã os cipós se enredaram no caminho que os passos fizeram; péqueñas plantas esmagadas levantaram-se depressa e folhas secas formaram um tapete onde não ficasse o rastro daqueles pés enórmes, espalhados como de palmípedes, os dedos engrouilhados, o maior, mão de criança, o mindinho comido de bichos, gastos nas pedras dos caminhos, no barro dos atoleiros.

A mata ali está, com seus rumores, seus perfumes. A mata é o proprio seio do mundo.

A samambaia procurando humidade para descansar suas raizes insaciáveis; a dormencia dos arbustos suocados, a fantástica sisudez dos troncos grossos; a leviandade dos cipós; milhões de bichinhos nas tócas, debaixo das fôlhas pôdres; fermenta a vida. A mata tem um coração que bate com som cavo, no silêncio feito de trilhos, apitos, assobios, guinchos, uivos indistintos, mil ruidos soldados uns nos outros, massa pastosa de sons e de pesão descanso.

O ribeirão, lá em baixo na gróta, largo e cheio entre pedras, arrasta no caminho, plantas, bichos, pedaços de céu, sonhos de negros, tudo envolto na massa dagua que vai cantando se ferindo nas pedras e mais cantando quando mais ferida.

Zeferino cabeceando; sua cabeça a toda hora cá e ele vai busca-la, torna a pô-la no lugar. O cansaço é demais. Zeferino ama essa noite succulenta, cheia de caldo, pejada de sagrados terrores. Olha a luz da fogueira amortecida, goza o calor, esfrega as mãos pelo suor do corpo, se estica sobre as folhas, distendendo os músculos um estêlo gostoso de ossos. Já poz vigias nas entradas da mata, já todos estão dormindo, incrustados nos troncos, menos aquele casal que se ama sobre as folhas secas, rolando nas folhas como si o seu amor fizesse parte do mistério da mata; e na verdade estava nela a vontade, o amor era de tudo e estava em toda parte, deshumanizando-se, ela era tronco, ele era liquem, ele era cobra; ela era pássaro, ela era folha, ele era bicho; o amor era demais, creador e demolidor, desbaratava a organização da mata, despedaçava a estrutura da noite, com seus gemidos, soluços roucos, depois incorporava os gemidos na noite e era universal, e até as pedras se desmanchavam sob a pressão daquele amor.

Zeferino não pode mais fechar os olhos. Aquela casal e a luz, o vago temor de sortidas noturnas, o espanto pela propria audácia, o respeito pela majestade da noite. Sonha com a mata adivinhando o escuro das tócas — cobras saindo, olhinhos fuzilantes, lingua espérta, leiteiras de mil malefícios, grótas, picadas pautando as notas musicais dos troncos; o acampamento onde a fogueirinha se desfaz em brasas que piscam olhos de fogo para a semi-nudez das negras enroladas em trapos. As negras que dormem em posição de quem volta à florésta, atitudes de árvore, braços esgalhados, cabeleira ramalhada, e um suor resinoso, catinga, catingentas negras, ai... As negras virando árvores.

Desta vez Zeferino deixou a cabeça cair, ela rôla, rôla, como uma pedra lisa de rio, rôla para a gróta saltando entre os troncos; esmagando folhas lustrósas que estão acabando de nascer; a cabeça de Zeferino bate, desce, bate, desce, vai chapinhar no fundo do ribeirão, vem um peixe belisca, não é um peixe, agora é um mosquito. Zeferino abre os olhos, não foi bem assim - ou foi? - não, não foi, a cabeça está certa, foi um sonho, começo ou fim de sonho. Imediatamente saem dos cofres, no ôco das embauças, no tronco das sapucúias, os donos da mata, fantasmas amigos dos indios, cocôres sacudindo plumas entre folhas, galhos secos estralando

oi!
galhos secos estralando
ai!

Zeferino vai dormindo mas acorda; julga ver bacamartes; qual bacamartes nem urros de feitores prejudicados, são respirações esmagando gravetos, inhambús mágicos que piam de noite. Zeferino teme.

Mas a lua amiga, cada vez mais fria, caminha para o alto do céu, acuada pelos cães da manhã. E então a água da noite cai devagar, pingando a última gota da arvore mais alta, e vem descendo de degrau em degrau, rôla sobre o corpo de Zeferino como a paz de um feitiço contra o terror de maldades. Seu corpo cansado, sua alma encolhida, arpepiada de sustos, descansam afinal.

Zeferino começa a vêr as plantas com a fórmula propria que elas têm, sem aquélas deformações que a noite punha nellas. Apagam-se fosforecências e aparecem as avencas; os cipós não são mais cobras, são cipós; a mata aceita a entrada espetaculosa da madrugada.

Gira a cabeça de Zeferino um giro bambo e cá decepada nas suas mãos, como um sacrificio em honra da noite. Seus pensamentos se cruzam e se embaraçam uns nos outros, fazendo laços onde cá a imaginação entorpecida.

O sól, chegou o sól que invade tudo, claro, claro, cheio de filhos-sões que brilham em cada gota, em cada folha, em cada corpo adormecido.

O negrinho Lucindo chora. Maria abre um olho que ainda não é deste mundo e enfia o bico do seio na boca ardente do filho. O negrinho cala. Um, outro, depois outro negro, estica um braço, encolhe uma perna, balança o corpo sobre as folhas secas: voltando à vida, depois do grande mergulho.

Alguns abrem os olhos assustados, que trazem o terror do subterrâneo em que andaram. Sentem falta do sino, e notam o dia claro. Pela primeira vez podem ver nascer o dia claro sem a enxada nas mãos. O negro Pio está agarrado numa raiz como no caco de um cacumbú. Naquela hora já estaria roçando a lavoura e os seus sonhos ainda não se habituaram com a realidade.

Só o casal desesperado, como si aquela fosse a ultima noite da vida, ainda gême de amor, misturados os dois no canto da mata. Os gemidos despertam Zeferino. Os olhos encaram primeiro a claridade do dia, depois o ouvido descobre o canto dos passaros, como querendo concentrar numa só imagem o primeiro dia da liberdade. Depois esses olhos saltam bruscos para se fixar noutro ponto, daí saltam a outro. Mas voltam sempre para o casal em amor, e a garganta se fecha num ronco surdo de goso e satisfação. Zeferino se levanta e vai deitar a cabeça pesada de sonhos incompletos, confusos, solidês de pau ôco, densidade de nuvem, no ventre de Maria adormecida. E assim, homem, mulher, Lucindo, ficam ali como si tivessem pousado de uma grande viagem pelos ares.

Maria espera a manhã mastigando vagamente as folhas tenras. Lucindo sacudindo os pés na cabeça do pai, Zeferino olhando em silêncio fiapos de nuvem que lutam com a luz entre as folhas das arvores.

Zeferino mergulha a cabeça no ventre da mulher e ali dorme, o chefe do seu povo, o Bem Amado de Maria, descansando, zambi Zeferino, negro fugido, quilombola, apostolo, dorme. Dorme, que teu filho te embala, descansa em paz no ventre fecundo de Maria.

A mata zcorda. São os passaros que chegam para cantar ao sól. Mas o ribeirão continua o seu canto noturno, como um passarinho cego, sem vêr que já não ha mais estrelas nem sombras, que tudo o sol desvendou, que as formas esquecidas nos cantos da mata, aquélas que pareciam crear raizes na humidade da terra, pousadas ali como ôvos de bichos-gigantes, se mexem, têm vida, são homens, mulheres, são negros fugidos, negros contentes, que a vida reconquistou.

MARCOS

Zeferino vai dormindo mas acorda; julga ver bacamartes; qual bacamartes nem urros de feitores prejudicados, são respirações esmagando gravetos, inhambús mágicos que piam de noite. Zeferino teme.

Mas a lua amiga, cada vez mais fria, caminha para o alto do céu, acuada pelos cães da manhã. E então a água da noite cai devagar, pingando a última gota da arvore mais alta, e vem descendo de degrau em degrau, rôla sobre o corpo de Zeferino como a paz de um feitiço contra o terror de maldades. Seu corpo cansado, sua alma encolhida, arpepiada de sustos, descansam afinal.

Zeferino começa a vêr as plantas com a fórmula propria que elas têm, sem aquélas deformações que a noite punha nellas. Apagam-se fosforecências e aparecem as avencas; os cipós não são mais cobras, são cipós; a mata aceita a entrada espetaculosa da madrugada.

Gira a cabeça de Zeferino um giro bambo e cá decepada nas suas mãos, como um sacrificio em honra da noite. Seus pensamentos se cruzam e se embaraçam uns nos outros, fazendo laços onde cá a imaginação entorpecida.

O sól, chegou o sól que invade tudo, claro, claro, cheio de filhos-sões que brilham em cada gota, em cada folha, em cada corpo adormecido.

O negrinho Lucindo chora. Maria abre um olho que ainda não é deste mundo e enfia o bico do seio na boca ardente do filho. O negrinho cala. Um, outro, depois outro negro, estica um braço, encolhe uma perna, balança o corpo sobre as folhas secas: voltando à vida, depois do grande mergulho.

Alguns abrem os olhos assustados, que trazem o terror do subterrâneo em que andaram. Sentem falta do sino, e notam o dia claro. Pela primeira vez podem ver nascer o dia claro sem a enxada nas mãos. O negro Pio está agarrado numa raiz como no caco de um cacumbú. Naquela hora já estaria roçando a lavoura e os seus sonhos ainda não se habituaram com a realidade.

Só o casal desesperado, como si aquela fosse a ultima noite da vida, ainda gême de amor, misturados os dois no canto da mata. Os gemidos despertam Zeferino. Os olhos encaram primeiro a claridade do dia, depois o ouvido descobre o canto dos passaros, como querendo concentrar numa só imagem o primeiro dia da liberdade. Depois esses olhos saltam bruscos para se fixar noutro ponto, daí saltam a outro. Mas voltam sempre para o casal em amor, e a garganta se fecha num ronco surdo de goso e satisfação. Zeferino se levanta e vai deitar a cabeça pesada de sonhos incompletos, confusos, solidês de pau ôco, densidade de nuvem, no ventre de Maria adormecida. E assim, homem, mulher, Lucindo, ficam ali como si tivessem pousado de uma grande viagem pelos ares.

Maria espera a manhã mastigando vagamente as folhas tenras. Lucindo sacudindo os pés na cabeça do pai, Zeferino olhando em silêncio fiapos de nuvem que lutam com a luz entre as folhas das arvores.

Zeferino mergulha a cabeça no ventre da mulher e ali dorme, o chefe do seu povo, o Bem Amado de Maria, descansando, zambi Zeferino, negro fugido, quilombola, apostolo, dorme. Dorme, que teu filho te embala, descansa em paz no ventre fecundo de Maria.

A mata zcorda. São os passaros que chegam para cantar ao sól. Mas o ribeirão continua o seu canto noturno, como um passarinho cego, sem vêr que já não ha mais estrelas nem sombras, que tudo o sol desvendou, que as formas esquecidas nos cantos da mata, aquélas que pareciam crear raizes na humidade da terra, pousadas ali como ôvos de bichos-gigantes, se mexem, têm vida, são homens, mulheres, são negros fugidos, negros contentes, que a vida reconquistou.

É MAIOR

PIMENTA

Os Pampas e o Paraíso Verde

EMO DUARTE

Erico Verissimo mostrou ao Brasil moderno que no cadinho de raças belicosas, como a alemã e a italiana, que é o Rio Grande do Sul, existem homens inteligentes e pacíficos que lutam pela cultura e batalham pela paz. Porque na verdade Erico (se bem que o maior) é apenas um representante dos vanguardistas da liberdade na terra dos Farrroupilhas. Telmo Vergara, com suas «9 histórias tranquilas», Viana Moog biografando o autor d' «O Primo Basílio», Dionélio Machado, com seu romance «Os Ratos» e Rivaldavia de Souza, com as crônicas de «Pé de Moleque», são outras legítimas expressões do pensamento gaúcho que coadjuvam o grande escritor dos Pampas na campanha pelo desaparecimento no mundo do terrível «homo homini lupus» e pelo império da solidariedade humana. Que colaboram com o escritor de «Musica ao Longe» pela construção de um mundo melhor e por uma vida mais digna de ser vivida.

Ha muitos anos eu li que é tão fácil se ensinar á criança o caminho da felicidade quanto o da infelicidade. Nada mais verdadeiro. O menino podia muito bem aprender que existem camelias e gérbas nos vales em vez de palavras feias. Em lugar do cigarro na boca, da inveja do companheiro de banco, dos murros e dos xingamentos por questões futeis, êle poderia aprender a contemplar o céu roseo, a considerar o trabalho organizado e eficiente e verificar que seria muito melhor colher malmequeres do que viver em discordia com os amigos de infancia. Isto depende dos orientadores, dos pais, mestres, parentes e dos homens em geral. Esta visão de um pensador cujas bondades emanam dos postulados de Jesus, num tempo e numa terra onde os representantes da Religião, são os primeiros a dar o mau exemplo, não constitui absolutamente uma utopia. É apenas um ideal arrojado - como foi o da Revolução Franceza, o da Independência Brasileira e como é o da implantação da grande industria siderurgica nacional, — mas que pode muito bem ser levado a efeito.

Erico Verissimo veio tambem com a nova geração. A principio foi menos lido que os outros, por duas razões: — seu sobrenome, que dava idéa de individuo antigo, talvez parente de José Verissimo, e pelos titulos de seus romances, num tempo em que andava em voga o nome unico: — “Jubiabá”, “Banguê”, “Angustia”, “Vertigem” e outros.

Erico Verissimo estudou em collegio americano. Teve uma educação pelo método yanque. Aprendeu muito inglês. Frequentou escolas dominicais e ouviu pregações sobre o bom samaritano e os vendilhões do Templo. O “Columbia College” é uma recordação viva em sua memoria. Daí a justa e logica predileção pelos autores ingleses. E decorrente disto a natural influencia de alguns sobre o romancista de “Caminhos Cruzados”. Aldous Huxley, com o “Contraponto,” foi o principal. Isto aliás em nada desmerece o autor, pois não está patente a influencia de Eça de Queiroz em José Lins do Rêgo, de Dostoiewski em Graciliano Ramos e de Emilio Zola em Jorge Amado? Nossas letras ainda são acanhadas, de modo a não permitir os romances padrão, os livros paradigma.

O nome de Erico Verissimo já se impôs definitivamente. Sabe escrever com um modo especial e particular de fascinar o leitor e arrastá-lo embevecido até a ultima pagina. O tom de bondade de seus livros se acentua dia a dia. “Olhai os lírios do campo” é um romance destinado a mudar o rumo da vida do individuo e norteal-o no sentido da Fraternidade, do Bem e da Liberdade. É o antidoto do egoismo reinante, da ambição descabida, do amor exagerado ao dinheiro, que reduz o homem a uma simples engrenagem azinhavrada. Olivia, com seus gestos calmos e maneiras suaves, está gritando contra certas formalidades banais. Olivia é uma voz firme que se levanta pela causa dos judeus, um amigo que aparece para incentivar-nos nos momentos dificeis e estimular-nos nos transe da vida.

Com este sentimento de humanidade, que cresce e se avoluma cada vez mais nos romances de Erico, não duvido que êle venha a ser tomado por um Cristo resurrecto nas terras gauchas e te-

nha o mesmo destino do Filho do Homem. Porque os escribas e fariseus que começam agora a se amotinar contra êle estarão em breve exigindo a sua crucificação. E enquanto os barrabás pululam, espalhando cousas inuteis pelos jornais, Erico Verissimo será **crucificado** numa cochilha dos Pampas, olhando a beleza do Cruzeiro do Sul, a poesia dos pecegueiros floridos, a ironia dos algezes e ouvindo a fala triste do minuano.

Mas “não nos é mais licito tocar harpa enquanto Roma arde” e a luta pelo Bem ha de prosseguir.

* * *

A Amazonia vasta, sombria e inculta é um constante manancial de surpresas, fatos ineditos, cousas nunca vistas para o poeta ou para o cientista.

Raimundo Moraes quasi fica celebre escrevendo sobre o Amazonas. Gastão Cruis fez contos sobre o grande rio. Peregrino Junior tambem escreveu uns contos, por sinal que muito interessantes. Osvaldo Orico pretendeu fazer de “Seiva” um romance, mas saíram apenas descrições das belezas do rio das pororocas. Escritores estrangeiros aproveitaram o tema. Sabios como Agassiz com o Amazonas se preocuparam.

Faltava porem ao maior e mais singular estado da Federação o seu romancista, e este apareceu na pessoa de Abguar Bastos. “Certos Caminhos do Mundo” e “Terra de Icamiba” vieram antes de “Safrá,” que é o grande romance do escritor amazonense.

O homem da castanha, perdido na imensidão do inferno ou paraíso verde, aparece para os seus patricios das outras zonas. A politica local, com os chefetes que mandam e desmandam, a escola no meio do mato e a cadeia dentro da floresta junto do abysmo e perto da podridão são cousas proprias da Amazonia que Abguar conta em seu livro.

Os trocadilhos de que está cheio o romance passam e são na maioria das vezes bem interessantes. A explicação de como se pega tartarugas e outras cenas parecidas é que dão ao livro certas partes enfadonhas. A poesia em “Safrá” é cousa natural, expositanea, vem sem querer, sem o au-

Os Pampas e o Paraíso Verde

Conclusão

tor procurar, é a poesia barbara e rude da Amazonia misteriosa e despovoada. Até na miseria de Valentim e na vida degradada do soldado.

Os romances de Abguar Bastos descem do Amazonas, trazendo a verdadeira situação das cousas de lá, impregnados de uma poesia rude e aborigine peculiar ao homem, ao rio, à floresta, ao céu e aos portos fluviais da zona equatorial e se espalham por todo o Brasil.

Os romances de Erico Verissimo sobem do Rio Grande do Sul, trazendo a vida dos homens das cidades nas suas atitudes mais variadas e extravagantes. E veem também cheios de uma grande poesia, que não sendo tão fértil e exuberante naquela região, obriga o autor a recorrer aos recursos do talento. Os romances de Erico também se divulgam por todo o paiz levando a esperança, a paz e os louvores á Liberdade.

Abguar Bastos, com a borraça, a castanha, as tartarugas e Erico Verissimo, com a vida de Porto Alegre em seus multiplos aspetos, formam os pontos extremos da nossa literatura regional, moderna e sobretudo humana.

José Sampaio

e o sentido de sua Poesia

(conclusão)

ria ficar ao lado dos livros técnicos de Ciencia da Administração nos gabinetes presidenciais... Versos que surgem da propria vida e cheios de uma beleza que desmente o velho conceito individualista de poesia como fuga do real. Pena que um poeta do valor de Sampaio não seja ainda bastante conhecido em outros Estados. Já esteve mais longe porem... Porque para o ano uma editora do Rio publicará «Nós acentemos as nossas estrelas», livro em que Sampaio reuniu os seus melhores poemas. E então, todo o paiz conhecerá um dos seus maiores poetas. O poeta mais original da nova geração.

UM HOMEM
à procura de um chiqueiro

AZEVEDO MARQUES

Encontrei-o com verdadeira surpresa. Ha dez annos que não o via. Recebia, ás vezes, noticias suas. Sua presença era assignalada n'uma cidade do sul ou do norte, sempre inflamado, defendendo, com um ardor sempre maior, os seus ideaes. N'outras occasiões encontrava o seu nome, em companhia de outros, nas columnas dos jornaes. Ahí, também, servindo, como illuminado, ao seu ideal.

Encontral-o ali foi surpresa.

Quando me informavam da sua passagem rapida, revia-o pequeno, forte, atarracado, formando este typo de homens que lembra energias concentradas. Via o seu queixo quadrado, feito a golpes, n'um rosto de linhas perfectas, revelador da grande força de vontade daquella intelligencia, rosto cujos olhos brilhantes indicavam um grande enthusiasmo.

Encontrando-o agora, o meu pensamento retrocedia, afundava-se no passado, fazendo-me reviver os dias de infancia quando o conheci. Já era, então, o mesmo idealista. O protector dos condiscipulos menores, protecção que fazia estar em constante disputa com os maiores, iniciados com soccos e terminados com os castigos. Era, por isto, estimado dos pequeninos e odiado pelos collegas de sua idade.

* * *

Foi o seu idealismo que nos approximou.

A morte de minha mãe destruiu, em mim, todo um sentido da vida.

Entregaram-me aos cuidados de uma tia velha e solteirona, enquanto preparavam o meu exoval para o collegio interno, unica solução que encontrara o meu pae. A frieza que me rodeava augmentara minha dôr, tornando-me maior a magua.

Com a alma neste estado transpuz os grandes portões, junto aos quaes se erguiam duas altas e serenas palmeiras, como symbolisando a indifferença que encontraria lá dentro, nas vastas salas do antigo collegio. Meu pae, beijando-me, entregou-me ao porteiro, que, seccamente, deixou-me no recreio onde se divertiam outros meninos.

Ninguém ali conhecia minha enorme dôr.

Pequeno, tímido, olhei com medo os habitantes daquelle mundo que me era estranho e que seria também o meu mundo.

Senti-me rodeado. Olhares curiosos me revistavam completamente. As graças choviam de todos os lados. Fui tremendo... Fui tendo medo e me acovardando. Não conhecia a adversidade e por isto desconhecia a lucta. A roda ia se apertando e a inquirição dos olhares augmentando:

Olha um urubú de cabeça chata!..

Era a voz do Annibal; do Annibal que era o martyrio dos novatos e dos menores: do Annibal que era agora secreta de policia.

A voz enche o pateo e é substituida pela gargalhada. Um ardor me queima o rosto e resecca a garganta. Innumeras mãos caem sobre minha cabeça. O meu medo se desfaz em lagrimas. A covardia me deixa inerte. E quando penso succumbir, uma voz se ergue, protesta, agride e me defende, a mim que não me defendera. Reanimado, rompo o circulo e

refugio-me no dormitorio.

E lá, pela primeira vez o conheci. A sua physionomia energica, tão cheia de força de vontade, os olhos brilhantes, intelligentes, me encheram de confiança. Fizemo-nos amigos. Em mim a amizade era um tanto interesseira, pois necessitava de um protector. Nelle, porem, era um ideal, era o seu ideal: proteger.

Juntos caminhamos pela vida universitaria.

O ideal cada vez tomando maior sentido em sua vida, concretisando-se, tomando novas formas, á medida que augmentavam os seus conhecimentos. Novos sacrificios lhe eram impostos. Os pequeninos para elle tinham agora um sentido muito diverso do que possuia no internato. Os maiores, porem, já não eram só os condiscipulos.

Fomos, aos poucos, nos afastando. No fim da vida estudantil, eu já começava erguendo as primeiras balizas da vida pratica. Enquanto isto, elle luctava pelos seus pequeninos. Fomos nos afastando. Já não necessitava do seu apoio. O egoismo indicava-me um caminho completamente diverso do seu.

Um dia a noticia chegou em grandes letras. O seu amor aos pequeninos aborrecera aos grandes e estes, zangados, jogaram-n'o para um destes cantos desconhecidos do paiz. Dahi por diante o seu nome apparecia raramente nos jornaes, o seu endereço se tornou desconhecido e, ás vezes, sabia de sua passagem rapida por uma cidade do sul ou do norte.

* * *

Encontral-o ali foi para mim uma verdadeira surpresa. Dez annos se passaram. Como estava envelhecido. Tomei-o por um braço. Elle me fitou, sorriu e disse:

— Como estás conservado!..

— E tu envelhecido!.. respondi.

Sentamo-nos na mesa do café. Olhamo-nos, silenciosamente, fazendo passar pela memoria todo passado. O seu queixo quadrado, feito a golpes, lá estava, apresentando alguns pontos brancos da barba mal feita.

Faltava-lhe, porem, o aspecto de energia, de força de vontade. Um pequeno papo destruiu a dureza das linhas. Os olhos ainda eram brilhantes. Não lembravam, porem, intelligencia e sim malicia. A barriga, denunciando adiposidade, tirava-lhe aquelle aspecto de energias concentradas, parecendo um dynamo usado, com as peças desajustadas. Um aspecto de socego substituiria o enthusiasmo que se notava, anteriormente, em seus gestos, suas palavras.

— Ha muito tempo não te via... começou depois de sorver o ultimo gole de café, accendendo um cigarro. — O que tens feito?

Contei-lhe, em poucas palavras a minha vida. Formado, burocrata, casado. Vida de milhares de pessoas, cheia de renuncias, de covadias.

— Tu é que deves ter muito para contar! Tens vivido... .

Um seu gesto negativo com a cabeça interrompeu-me. Passando a ponta do phosphoro queimado entre as unhas, ex-

Continua na pagina 24

UM PURISTA ULTRA - SENSIVEL

ALFIO PONZI

O Anastácio é mesmo um sujeito maníaco pelas questões literárias e filológicas. Amigo particular da língua portuguesa, não tolera um galicismo espúrio entrando por baixo do pano em uma página qualquer. Um dia quasi o vi aos tranços com um moço espirituoso que lhe queria convencer de que se escrevia *cavalo* com dois *l* quando se tratava de um *puro sangue*... e admitia que *exagero* devia ser grafado com dois *g* quando, de facto, a coisa fôsse muito além do material. Ora, o Anastácio, que não admite *blagues* de subúrbio em se tratando de assunto de tão magna importância, ficou furo e passou a contar mais um inimigo na pessoa dêsse sacrilego ousado e desgraçoso.

Mas é um indivíduo gosado, êsse Anastácio. Companheiro inseparável dos imaginosos e bombásticos criadores da literatura *flôr de laranja*, não perdôa o Lins do Rêgo ou o Jorge de Lima, nem ao seu realismo sem peneira, deixando nas páginas que produzem grande *"stock"* de *palavrões impróprios para menores* e muitas cenas que o respeitável público dispensaria da melhor boa vontade.

É por demais sabido que a humanidade é uma salada de espíritos de todos os matizes. Ha os sensatos, que medem as palavras e falam pouco, para que não escape uma dessas asniceas involvidáveis de que os más linguas se aproveitam para gosar sadicamente, fazendo escarcêu. Há, também, os parvos que não tendo noção do ridículo, sentenciam, trovoantes, para que todos saibam, que a polvora é um inflamável e que uma paneláda é, de fato, uma comida indigesta... Isto, com ares de quem faz uma grande revelação, olhando os circunstâncias do alto de sua grandeza, como a prescrutar no íntimo de cada um, alguma coisa de respeito e veneração ao gênio, ao espírito de escól...

O Anastácio está classificado no segundo grupo.

Certa vez tive a infelicidade de *passar a chuva* no saguão de um edificio visto-so. Adeante, uma escada larga, solene, muito branca, com um tapetinho vermelho e estreito ao centro, por onde uma enfiada de gente ia subindo, conversando, como quem estivesse muito interessado nalguma coisa séria que estivesse para acontecer lá em cima.

A curiosidade é um argumento ponderavel. Acompanhei a turma.

Após o último degráu estendia-se um amplo salão, bem iluminado, com umas quinhentas cadeiras e duzentas e muitas criaturas atentas, esperando pelo que dêsse e viesse. O "que vinha" era um certo doutor Florismundo Melopéa, illustre cientista bastante conhecido nas altas rodas intellectuais do sul do País, e cujo verbo candente ultrapassou as vastas fronteiras dêsses brasis para ganhar fama nas repúblicas do Prata. Procuo um ponto estratégico de onde pudesse bater em retirada no momento oportuno, e tomo assento junto de um homenzarrão ossudo, cabeleira bástia, "pince-nez" escanchado no meio do nariz... Ora bolas, nem mais nem menos era o Anastácio. O "bicho" estava tão sisudo que nem me viu. A minha direita uma cadeira vazia desafogava um pouco, pois o calor era de ra-

char. E quando eu dava graças a Deus por isso, lá vem uma senhora gorda, roçando o traseiro nos joelhos dos vizinhos: *com licença, com licença, com licença*... e sentou-se. O ar ficou impregnado de um perfume francês. E quando madame abriu e movimentou um leque cor de rosa, o termómetro deve ter baixado uma coisinha; porque respirei melhor, num quasi-suspiro de plenos pulmões. Foi então que o Anastácio virou o pesçoço e deu com os olhos em mim. Cumprimentou-me e voltou, circunspecto, á posição primitiva. Perguntei-lhe qual o tema sobre que ia versar a conferência e êle respondeu-me solícito, numa voz compassada e em ótima diação, que o doutor Florismundo iria dissertar sobre a *Simbiose da Idéa*. Nêsse instante uma forte salva de palmas afogou as palavras do meu vizinho, que, imediatamente, se pôs a bater palmas com um entusiasmo invejavel.

O doutor Melopéa, lá adeante, numa tribuna coberta com a bandeira nacional, aprumou-se todo, endireitou o laço da gravata e foi metendo a mão no bolso do jaquetão preto e respeitavel. Num movimento repassado de elegância, puxou um volume apreciavel em tiras brancas, uma naturalmente, por baixo da outra. Um espírito pessimista calcularia umas cem datilografadas.

Passéi o lenço na testa e no pesçoço e esperei. Que o homem era eloquente, isso éra. Começou dizendo da satisfação que lhe ia no fundo dalma, naquele momento solene, por observar que apesar do ceticismo absorvente que vai pegando num indiferentismo incompreensível as gerações da era presente, ainda havia quem tivesse os olhos voltados para as belezas do espírito e os homens de boa vontade ainda encontravam ambiente para dissertar sobre a sabia filosofia. Ali estava o exemplo mais vivo e frisante...

E entrou por aí. Desmandou-se em torneios retóricos. Citou gregos e troianos. Nomes arrevezados e frases bonitas que ninguém conhecia e que a maioria aplaudia. O homem tinha a lingua solta. Falou, falou, falou. Sessenta minutos e o assunto ainda não tinha comido metade das laudas. Estava suando. Ouço um leve arrastar de cadeiras e volto-me para o lado oposto. Alguns cavalheiros, sorrateira-

mente, iam dando o fóra. Eu faria outro tanto se não fôra o ter de encomodar aquele povo todo que estava adeante de mim, pedindo *licença*. Apesar das precauções não fôra bom estrategista na escolha do local.

Tambem, eu não estava com aquela senhora ali ao meu lado... Tinha que resignar-me. O Anastácio era um bom motivo para observações, já que o doutor era visivelmente desinteressante.

Para o Anastácio ali não havia coisa alguma além do homem da tribuna. Era todo ouvidos. Contrito, parecia um frade pensando nas delicias do gôso eterno. Na sala que, a princípio, estava em silêncio ouvia-se agora um sussurro, um falar á *boca pequena*. E não era de estranhar. Ninguém é de ferro e nem todos os ouvidos eram anastácios idólatras de medalhões casacudos, fátuos e vazios. E o ruído aumentaria e a assistência ficaria reduzida a um terço se o nosso "cientista", perorando, não tivesse terminado a falação quilométrica. Uma salva de palmas protocolares e eu estava quasi livre daquele suplicio.

O Anastácio não se conteve. E, visivelmente emocionado disse-me quasi no ouvido: o Florismundo esqueceu algo que reputo de suma importância: *"a psicologia das nevrôses"*. Vou conversar com êle a este respeito. Preciso falar com esse purista admiravel. Avalie o senhor que, durante uma hora e quarenta e três minutos, o nosso amigo não proferiu um só estrangeirismo que não fosse grifado.

Ficaria basbaque ante a tamanha sutileza do meu interlocutor, capaz de notar os grifos no verbo arrebatado do doutor Florismundo Melopéa... se não o conhecesse de sobra. Não pude deixar de rir. O nosso herói desapareceu na escada, no meio da gente que regressava. A chuva havia passado. E a "borrasca" interior, também.

O céu estava limpo e cheio de estrélas.

Alguns dias depois, ao dobrar uma esquina, topei com o Anastácio, cara a cara.

Ele nem pestanejou. Endireitou-se e continuou o caminho como se nunca tivesse falado comigo. Estava eu fichado entre seus "inimigos."

BRILHAMIL

Não va a festas

nem a passeias com o cabelo em desalinho.

Use Brilhamil

que conserva seu penteado

UM HOMEM à procura de um chiqueiro

(conclusão)

clamou:

— Nada tenho para dizer. Sou um errado. . . Tens um emprego, tens um lar, tens familia, tens portanto, um mundo. Ao contrario, sou um errado, porque não comprehendi o meu seculo. Ninguém pode viver fora de sua epoca. Saber sentil-a é a suprema intelligencia. . .

— Mas tens um ideal! . . . exclamei admirado com o que ouvia.

— Um ideal abstracto. Actualmente olho tudo de um outro modo. Vivemos hoje um bello periodo historico. A mais profunda das transições. A humanidade, sentindo que nada se construirá neste periodo, procura uma unica coisa: viver e gozar. Cada geração tem a sua missão. Vivi à margem da minha. Errei procurando o abstracto. Só muito tarde comprehendi isto. Procurarei recuperar o tempo perdido. . .

— Não confias, então, na mocidade?... assisti, admirado cada vez mais daquellas palavras. O idolo se desfazia.

—Mocidade? Ella é synonimo de energia, de lucta, de desinteresse, de renuncia, de abnegação. Isto, porem, não se vê. Encontramos, somente, commodismo, fraquezas, interesse, egoismo. Os jovens, mal se formam, são envenenados. No lar, pelos paes que indicam o caminho da victoria facil. Nas escolas, pelos exemplos dos professores. Li ha dias que um mestre, depois de se considerar victorioso n'uma demanda, reuniu os alumnos para uma choppada collectiva. E todos os convivas dependiam de suas notas para encerrar as ultimas provas. Sei tambem que uma turma de futuros doutores se dividiu em torno de dois paronymphos, sem que nenhum dos homenageados tivesse coragem de renunciar à homenagem dividida, em proveito da harmonia de jovens que se encontrarão amanhã, na lucta pela vida, trazendo nos corações os rancores dos bancos universitarios. Quem soffrerá então será a ethica e sem ella tudo estará perdido. Viver é o grande sentido da humanidade. E para defendel-o se entrega a liberdade de milhares de pessoas, que estavam defendidas pela confiança que depositavam n'um pacto assignado. E, em nome da paz, para evitar a guerra, se fortalecem assassinos para os quaes a dignidade humana nada significa. Os individuos procuram comer. O pensamento, esta força poderosa com que Deus sellou os hemens, destacando-os do resto da criação, nada vale, está completamente desprestigiado. Ninguém, porem, é culpado disso. Cada geração deve cumprir o seu destino. Nós atravessamos uma das mais bellas phases da humanidade, uma noite muito negra. . .

Fez uma pausa. Quebrou o palito de phosphoro queimado com os dentes, sorveu uma fumaçada do cigarro. Debruçou-se na mesa e fitando-me, com seus olhos, agora intelligentes, disse:

—A aurora voltará. Voltará muito bella. Será uma madrugada jamais vista. Ella, porem, demorará. . .

Levantou-se e collocando-me as mãos nos hombros, continuou:

—Eu me enganei. Julguei-a muito perto. Este o meu erro.

Nova pausa. Traga mais uma vez o cigarro. Seus olhos se enchem de malicia.

—Resta-me, porem, um ideal. Sou o homem que reivindica um logar no chiqueiro. Luctarei pelo meu pedaço de lama, bem fôfa, bem macia, com algumas espigas. Sou aquelle que procura um chiqueiro. . .

A INTELLIGENCIA CONTRA A CORRENTE

(conclusão)

nismo, dos que são verdadeiramente fieis à pura tradição christã: procurando libertar e limpar as verdades christãs dos parasitismos impuros e dos compromissos deliquescentes. Tirar das verdades os motivos que o mundo actual lhes favoreceu para a sua corrupção — verdades ensandecidas, dizia Chesterton. Tornar as verdades sans, imunizadas de contagios degenerativos, de direita e de esquerda: ordem, nação, autoridade, justiça, religião. Valores e realidades otimos quando puros, pessimos quando corrompidos, a serviço de interesses inconfessaveis e subalternos.

Este é o caminho que veem trilhando os grandes lideres atuais do cristianismo, confundindo destarte o seu trabalho com a missão do humanismo universal. E é isto que tem criado uma atmosfera de enorme prestigio, em todos os centros, mesmo adversarios, onde ainda a liberdade de pensar e dizer constitui uma realidade. Simpatia para o forte movimento christão fora e acima dos partidos, em defesa do homem, que é espirito, contra o partidario que é a negação do homem.

Todas as épocas de crise e transformação, ao lado do brutal movimento de destruição e anarquia, há uma corrente, pequena no volume porem fortissima em potencial construtivo, que, abafada pelos ruidos dos desmoronamentos e dos gritos bestiais dos barbaros, levanta cuidadosamente os alicerces do futuro. Será ella a vitoriosa final.

Basta que, na voragem, se salve um elemento: o homem, na sua liberdade e dignidade. Que ele tem sufficiente capacidade renovadora e recriadora de valores, para atravessar, como ja atravessou, as épocas dificeis.

Este é o dever da intelligencia e da cultura.

A ser posto em pratica ao arripio da corrente. Fóra do hermetismo dos partidos.

Ou melhor, naquella "partido da vida", a que se referiu Maurice Zundel, cuja séde são os corações, cujo lema, a "lei fundamental da harmonia entre a ordem natural e a ordem sobrenatural" e no qual não se falará mais a palavra do odio e do partidario, porem a palavra do bom senso, do espirito, do amor.

ESTUDOS HISTORICOS

Conclusão da pagina 17

Brasil. Temos necessidade de conhecer mais a fundo o passado, que é um espelho. Para que possamos indagar dos nossos males, para solucionarmos os problemas de causas remotas e penetrarmos sem tibiezas ou remorsos em nosso emaranhado politico, é mister tenhamos sobre as nossas vistas os fatos anteriores. A politica e a historia se completam.

João Chrysostomo Peixoto

Engenheiro Civil

Constructor e empreiteiro de
obras publicas e particulares

Escriptorio:

Rua Portugal 28 - 1.º andar

Livraria Excelsior

Parte Alta do
Plano Inclinado

Grande e variado sortimento de

optimos Livros, Revistas, Figu-

rinos, Vistas da Bahia, com uma

grande collecção de cartões em

vistas da Bahia, para Boas-Festas

MARINHO, SANTOS & CIA.

Com secções especiaes de fazendas, modas
confeccões, miudezas, calçados e perfumarias,
drogas, ferragens, molhados e vinhos

IMPORTAÇÃO DIRECTA

RUA CONS.º FRANCO 52, 54, 56 e 58

Feira de Sant' Anna -- Estado da Bahia -- BRASIL

END. TELEG: ADALMINIO * TELEPH. 38

Se deseja um bom aperitivo
exija sempre "JUJUBA"

augmenta o apetite e reforça as energias

FAÇA AS SUAS ENCOMENDAS
DIRETAMENTE À

DISTILARIA «JUJUBA» LTD.

S. AMARO

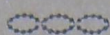


BAHIA

MOTOCYCLETAS

ZÜNDAPP

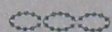
Resistentes, Duraveis, Economicas e Elegantes



AS MOTOCYCLETAS QUE MAIS SE
VENDEM NO BRASIL



PERMANENTE STOCK DE PEÇAS
E ACCESSORIOS



PERFEITO E PROMPTO
SERVIÇO DE
ASSISTENCIA
MECHANICA



Distribuidores: **WESTPHALEN, BACH, KROHN & CIA.**

Caixa, 47

BAHIA

Tel. OTTOBACH